

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

FERNANDA NILBRE DE LIMA VIEIRA

DAMAS E ESPARTILHOS: MODOS E MODAS DAS MULHERES
LUDOVICENSES NA PRIMEIRA REPÚBLICA

São Luís

2017

FERNANDA NILBRE DE LIMA VIEIRA

**DAMAS E ESPARTILHOS: MODOS E MODAS DAS MULHERES
LUDOVICENSES NA PRIMEIRA REPÚBLICA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Licenciatura em História da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em História.

Orientador (a): Profa. Dra. Régia Agostinho da Silva.

São Luís

2017

FERNANDA NILBRE DE LIMA VIEIRA

**DAMAS E ESPARTILHOS: MODOS E MODAS DAS MULHERES
LUDOVICENSES NA PRIMEIRA REPÚBLICA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Licenciatura em História da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em História.

Orientador (a): Profa. Dra. Régia Agostinho da Silva.

Aprovada em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Régia Agostinho da Silva

1º Examinador
Universidade Federal do Maranhão

2º Examinador
Universidade Federal do Maranhão

Dedico esta monografia a minha família, a
buscar conhecimento e por me mostrar o quão
transformador pode ser a educação.

AGRADECIMENTOS

Não foi uma graduação fácil, foram tantos obstáculos que parecia impossível de concluir. Foram privações das mais diversas. Mas enfim acabou e não caibo em mim de felicidade, o sentimento de dever cumprido.

Começo agradecendo quem primeiro me deu apoio pra sair do meu interior e arriscar, minha irmã Fabiana. Agradeço imensamente minha prima, Geilene, que me deu um lugar pra morar e apoio em todos os aspectos. Meu irmão Fabson Bonyek e minha cunhada Naziane, que financeiramente sempre estiveram presentes quando precisei. A minha mãe, Antônia Lucinda, com as caixas de compras mandadas sempre que tinha oportunidade e também as palavras de incentivo, foi ela o maior exemplo de como a educação pode mudar a vida de alguém.

Agradeço a todos que passaram na minha vida no decorrer desses anos de curso, foram nessas pessoas que me apoiei quando pensava em desistir, não irei citar o nome de todos, porque foram muitos. Mas os agradecimentos maiores vão para os que permaneceram. Meu amigo Marcos Trindade, que me faz umas raivas de vez em quando, mas que sou imensamente grata, obrigada de verdade, você me sustentou numa fase bem difícil, foram dias de angústia, mas aprendemos a rir de nossas desgraças e como rimos nesses últimos dois anos. Minhas queridas amigas Hemelita Silva e Ana Karina, vocês duas são parte de mim, obrigada pela presença constante.

Paula e Priscila, como que faz pra agradecer? Vocês foram o maior presente desse final de curso. A minha irmã caçula, Anna Beatriz, por todas as marcações nas redes sociais, pra eu relaxar e rir, me mostrando que a vida tem seu lado bom. Luana Rodrigues, minha amiga da vida toda, nos jogamos no mundo juntas, sem dinheiro, mas com uma mala enorme de sonhos, a bagagem era muita, alguns desses sonhos tiveram que ficar pelo meio de caminho...mas sobraram muitos... Obrigada pelos cafés, pelas conversas, pela paciência. Agradeço também minha orientadora Profa. Dra. Régia Agostinho da Silva, que perturbei um pouquinho... Sem ela esse trabalho não seria possível.

Não posso deixar de agradecer a Deus, em suas mais variadas formas e manifestações. Mesmo com minhas dúvidas, inquietações e questionamentos, diante de tantas injustiças nesse mundo, não posso deixar de acreditar que uma força maior existe. Então, obrigada Deus, pela minha vida e pela vida de todos que fazem parte da minha história.

RESUMO

Nesta monografia busca-se compreender como a moda tornou-se um artifício de poder e emancipação feminina, mais precisamente em São Luís durante a Primeira República. Suscitando a reflexão crítica a partir do pensamento que moda não se resume tão somente às roupas, mas engloba comportamentos dos variados tipos, tem-se como objetivo analisar o paradoxo entre aprisionar-se a padrões e as formas de liberdade que a roupa pode trazer, evidenciando também as questões ditas como moralizadoras e conservadoras da então capital do Maranhão, que regiam como as mulheres deveriam portar-se e conseqüentemente vestir-se, além de perceber a importância da moda para as mulheres da elite e classe média ludovicense, que contribuía para os fatores de distinção social.

PALAVRAS-CHAVE: Moda. Mulher. Comportamento. São Luís.

ABSTRACT

This monograph seeks to understand how fashion has become an artifice of power and feminine emancipation, more precisely in St. Louis during the First Republic. Raising the critical reflection from the thought that fashion is not restricted to clothes, but encompasses behaviors of the various types, we have as an objective to analyze the paradox between imprisoning patterns and the forms of freedom that clothing can bring, Highlighting also the issues known as moralizing and conservative of the then capital of Maranhão, which governed how women should behave and consequently dress, in addition to perceiving the importance of fashion for women of the elite and middle class ludovic, who contributed to the factors of social distinction.

KEYWORDS: Fashion. Woman. Behavior. St. Louis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

O Casal Arnolfini	15
Retrato de Marie Antoinette.	16
Retrato de Marie Antoinette	16
The youger Moreau	17
Dois embaixadores franceses	18
Homens franceses, em Le Follet.	18
Diário senhoras Weldons.....	19
Revista La Nouvelle Mode 07/1905	20
Revista La Nouvelle Mode 08/1905	20

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1	13
SURGIMENTO DA MODA	13
1.1 Belle Époque no Brasil.	21
CAPÍTULO 2	25
A MULHER MARANHENSE NA PRIMEIRA REPÚBLICA.....	25
2.1 França tropical e suas mulheres.	29
2.2 Educação da mulher ludovicense.....	33
CAPÍTULO 3	36
MODA DA DAMA LUDOVICENSE ATRAVÉS DOS JORNAIS E REVISTAS.....	36
3.1 Feminismo e moda.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

INTRODUÇÃO

Moda apenas como fator de distinção social, não explicaria o que ela tem de mais importante, a lógica da instabilidade, as grandes mudanças organizacionais e estéticas. É preciso abordar esse tema tendo em mente sua importância, como agente transformador da sociedade. O fascínio pelo efêmero, pelo ser diferente sendo igual. O querer adequar-se mesmo diante do desconforto e da dor, sem ao menos questionar.

Na virada do século XIX para o XX, o mundo passa por profundas transformações. A modernidade tem pressa de chegar. Surgem novos conceitos, novos modelos a ser seguidos e a mulher da elite e classe média aparece mais atuante. A moda então passa a ter grande importância na construção dessa nova mulher, visto que as roupas passaram a ser mais confortáveis, o espartilho que aprisionou durante décadas é aos poucos deixado de lado. Essa mulher da elite busca mais conhecimento, as escolas são mais frequentadas, ainda que com uma educação diferente da masculina, esta voltada para o mercado do trabalho; e a educação feminina tida como uma extensão “da vocação natural da mulher”, que é ser uma boa esposa e mãe.

De início essas transformações surgiram na Europa, sendo esse período chamado de Belle Époque com a França como grande influenciadora do mundo com sua cultura. No Brasil não foi diferente: os costumes franceses influenciaram de maneira direta a capital federal, Rio de Janeiro. O prefeito da época Pereira Passos, realizou a reforma urbana, inspirada na que ocorreu em Paris. Mas sua influência ia além: as roupas, os penteados, acessórios, os modos mais copiados eram franceses¹.

São Luís busca a modernização assim como o resto país. A reforma urbanística que ocorreu no Rio de Janeiro, com ampliação de avenidas, a “limpeza” da cidade com a destruição de cortiços e outras moradias fora dos padrões esperados para uma cidade moderna. Na capital do Maranhão, as tentativas de modernização não foram tão bem sucedidas, com o inchaço da população, vindas da zona rural para tentar uma vida melhor na cidade grande, por causa da instalação das fábricas, aumentaram os problemas já existentes. Epidemias se tornaram mais frequentes, com um índice de mortalidade alto. As construções da maioria desses trabalhadores das fábricas têxteis eram irregulares, com péssimas condições de higiene, facilitando assim a proliferação de doenças.

¹PERRONE-MOISÉS, Leyla. Galofilia e galofobia na cultura brasileira. In: *Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

A influência francesa tem destaque entre a elite e a classe média ludovicense. As modas e modos franceses eram anunciados e vendidos com empolgação, com anúncios e propagandas em jornais e revistas. Com fundação francesa² a elite letrada de São Luís, faz questão de ressaltar esse passado tão glorioso e reafirmar o quão “franceses” são. As mulheres da elite e de classe média de São Luís apesar do clima nem um pouco favorável, usavam os trajes de acordo com as modas de Paris, causando muitas vezes estranhezas com as modernidades que de lá chegava. Influenciava também no comportamento das moças, que na virada do século XIX para o XX, começavam a buscar mais independência.

Analisando a importância da moda para as mulheres de famílias abastadas de São Luís e aprofundando o tema para além de fator de distinção social, compreende-se como a dinâmica da moda tinha importância direta no comportamento e também no julgamento dessas moças. Em uma sociedade católica e atuante, ousar causava estranhezas e os mais diversos julgamentos. A igreja tinha influência direta na vida dessas mulheres, observando suas vestes e comportamento e interferindo quando achava necessário.

O conteúdo foi dividido entre capítulos, no primeiro é tratado sobre o surgimento da moda, com a evolução dos trajes e como a França teve destaque e influenciou o resto do mundo com suas indumentárias e modos. Gilles Lipovetsky, como fonte principal, em seu trabalho *O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas* faz uma análise profunda, deixando clara a importância da moda em nossa sociedade. Nesse capítulo as imagens são ilustrativas, apenas para visualizarmos a evolução dos trajes. No segundo capítulo, após utilizar bibliografia sobre o período estudado, busca-se compreender o contexto vivido pelo Maranhão, analisando a questão econômica e dando ênfase para as mulheres de São Luís, abordando um pouco da vida das operárias e as de família de classe média e as da elite, essas como atuantes no consumo das modas parisienses. No terceiro capítulo, aborda-se a vida das mulheres de classe média e elite, usando jornais e revistas do período, preservando a escrita da época, sem correções de acordo com a grafia atual. Usa-se também colunas de moda e “focofas”, para compreender como essa mulher se via e era vista. Destaque para a influência francesa nos anúncios de beleza e maneiras de se comportar e também para a

²A Fundação de São Luís ainda é rodeada de mitos e debates fervorosos. Até 1911 acreditava-se que a fundação da cidade em 09 de janeiro de 1616 era portuguesa, após a expulsão dos franceses, tendo como fundador Jerônimo de Albuquerque. Com o lançamento do livro *Fundação do Maranhão* do historiador Ribeiro do Amaral em 1912, onde analisa o livro do padre capuchinho Claude d’Abbeville, *História da missão dos padres capuchinhos na ilha de Maranhão e terras circunvizinhas*, a versão da fundação francesa em 08 de setembro de 1612 ganha força. Pouco mais de 100 anos depois essa ideia de fundação francesa está enraizada, criou-se uma tradição que dificilmente será mudada e alguns historiadores apontam que a falta de referências arquitetônicas e culturais, fortalecem a tese de uma fundação francesa criada em um momento de decadência econômica maranhense.

educação que essas moças recebiam. É feita também uma abordagem sobre o feminismo e a moda como arma na luta pela igualdade de gênero.

Esse trabalho pretende mostrar a grande importância da moda para nossa sociedade. Temporizar e identificar em qual medida ela interferiu na vida da mulher de classe média e da elite ludovicense na virada do século XIX para XX e também como ela serviu de ferramenta para que a mulher buscasse seu espaço, libertando seu corpo e criando suas regras. Influenciando seu modo de pensar e opiniões, que passaram a ser mais expostos, de maneira explícita ou não. O feminismo ganha destaque no começo do século XX, a mulher diminui a barra da saia, começa a mesclar antes peças só masculinas ao seu guarda roupa, como o uso da calça, dando maior liberdade ao corpo.

CAPÍTULO 1

SURGIMENTO DA MODA

Segundo Lehnert, a moda surge a partir do momento “em que o gosto pelo enfeite e pelo adorno, a vontade de experimentar o novo, se tornam mais fortes do que as considerações funcionais”³. Dessa forma, segundo o autor, “a realização de algo paradoxal: ser único e inconfundível, e ao mesmo tempo demonstrar a pertença a um grupo, seja ele qual for”⁴.

As vestimentas que por muito tempo serviram para proteger os seres humanos das intempéries, com o passar do tempo, perdem essa característica e passam a cobrir “as vergonhas” de acordo com algumas religiões, como é o caso do Cristianismo. Como discorre Laver⁵, muitos desses motivos foram relatados, abrangendo desde a ideia, baseada no relato do livro bíblico de Gêneses, de que o uso de roupas deveu-se ao pudor, até a noção sofisticada de que eram usadas por motivos de exibição e mágica protetora. E atualmente nossos corpos andam cobertos, não sendo aceito a nudez em muitos lugares do mundo. Ainda hoje nos cobrimos por vergonha, mas não que esse seja o fator principal do uso das roupas, sapatos e acessórios.

Corroborando com o pensamento de Laver, Gilles Lipovetsky aponta que,

A moda não pertence a todas as épocas nem a todas as civilizações: essa concepção está na base das análises que se seguem. Contra uma pretensa universidade trans-histórica da moda, ela é colocada aqui como tendo começo localizável na história. Contra a ideia de que a moda é um fenômeno consubstancial à vida humano-social, afirmamo-la como um processo excepcional, inseparável do nascimento e do desenvolvimento do mundo moderno ocidental⁶.

De início umas das principais matérias prima para a confecção das vestimentas era o couro, obtido através do abatimento de animais, obtendo a maciez e maleabilidade necessária através da imersão das peles em uma solução de casca de certas árvores. Outra invenção de muita importância foi a criação da agulha de mão, muitas das quais, feitas de marfim de mamute, de ossos de rena e de presas de leão-marinho, encontradas em cavernas paleolíticas,

³LEHNERT, Gertrud. *História da moda do século XX*. Tradução J.M. Consultores, S.A. Colônia – Könemann, 2001. p. 6.

⁴Idem. *Ibidem*.

⁵LAVÉ, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. Capítulo final [por] Christina Probert. Tradução Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 8.

⁶LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 24.

onde foram depositadas há 40 mil anos. Com isso, foi possível costurar pedaços de peles e moldá-los ao corpo⁷.

As indumentárias se transformaram, a confecção de tecidos foi aprimorada, assim como a confecção de roupas e acessórios. Não servindo apenas para proteger das intempéries ou cobrir “as vergonhas”, as indumentárias ganham destaque como forma de distinção social e de poder, conforme salienta Santarelli,

No início da história do vestuário sempre houve a ligação direta de status associado à diferenciação de classes. Mesmo quando técnicas de tecelagem ainda não haviam sido inventadas e peles de animais eram os únicos elementos disponíveis, os melhores caçadores eram diferenciados pelo fato de possuírem as peles dos animais mais ferozes. Assim transmitiam suas habilidades de bons caçadores através da sua vestimenta e, desta maneira, passaram a impor suas diferenças sobre aqueles que não possuíam sua coragem ou algum tipo de mercadoria, ou poder para adquirirem estas peles mais cobiçadas⁸.

Lipovetsky rebate essa ideia da moda apenas como fator de distinção social, para o autor, abordar tal tema dessa forma diminui a importância da moda na nossa sociedade. O esquema da distinção social que se impôs como a chave soberana da inteligibilidade da moda, tanto na esfera do vestuário como na dos objetos e da cultura moderna, é fundamentalmente incapaz de explicar o mais significativo: a lógica da inconstância, as grandes mutações organizacionais e estéticas da moda⁹. Colocar a moda apenas como forma de distinção social cria obstáculos à compreensão histórica do fenômeno, conforme é ressaltado,

Ao contrário do imperialismo dos esquemas da luta simbólica das classes, mostramos que, na história da moda, foram os valores e as significações culturais modernas dignificando em particular o *Novo* e a expressão da individualidade humana, que tornaram possíveis o nascimento e o estabelecimento do sistema da moda da Idade Média tardia; foram eles que contribuíram para desenhar, de maneira insuspeita, as grandes etapas do seu caminho histórico¹⁰.

A moda surge no fim da idade média por volta do século XIV, com distinções claras entre a indumentária masculina e feminina. Não que as sociedades anteriores a esse período não tivessem gosto por ornamentos, penteados, enfeites, pinturas e tatuagens, mas tudo isso era fixado pela tradição e permanecia inalterado, passando de geração em geração. Essas sociedades nutriam grande respeito pelo passado, não tendo a moda espaço nesse período. A sociedade primitiva conforme diz Lipovetsky, era “inteiramente centrada no respeito e na

⁷LAVÉR, James. Ibidem. p.10.

⁸SANTARELLI, Christiane Paula Godinho. *O consumo da moda nas classes economicamente inferiores*. São Paulo: USP, 2000. p. 1.

⁹LIPOVETSKY, Gilles. Ibidem. p. 11.

¹⁰Idem. Ibidem. p. 12.

reprodução minuciosa do passado coletivo, a sociedade primitiva não pode em nenhum caso deixar manifestarem-se a sagração das novidades, a fantasia dos particulares, a autonomia estética da moda”¹¹.

Com o surgimento de trajes masculinos e femininos, sendo “curto e ajustado para o homem, longo e justo para a mulher”¹², a moda serviu para exaltar toda feminilidade da mulher com seu vestuário muito ajustado. Essas mudanças moldaram o corpo da mulher, evidenciando o colo e o quadril, substituindo dessa forma a fluidez e a leveza, que junto com o descompromisso anterior em evidenciar as formas, serviam primordialmente para cobrir o corpo, por indumentárias ajustadas que de tal forma alteraram a silhueta natural, transformaram o físico e camuflaram a imagem real.

Não podemos deixar de lado a influência da Igreja Católica durante a Idade Média. Foi um período de tradicionalismo religioso, onde a Igreja ditava os ritos sociais. Era proibido qualquer tipo de vaidade, maquiagem, cabelo solto e liberdade; intelectual ou física, restando a essas mulheres a submissão ao marido e os cuidados da casa e dos filhos.

Maria Louise Nery em sua obra *A evolução da indumentária: subsídios para a criação de figurinos* revela que o século XV foi um ponto chave para a moda, e diz que “[...] o jogo da moda, no seu sentido próprio, começou de fato somente em meados do século XV, quando se descobriu que a vestimenta podia ser usada intencionalmente, tanto para o exibicionismo do corpo como para seu encobrimento”¹³. Percebe-se então que no século XV a segregação das vestes por gênero está bem concretizada; a preocupação passa a ser a busca pela visualidade do corpo em detrimento a praticidade, sugerindo formas não naturais ao corpo. Lipovetsky diz que “o peito é destacado pelo decote; o próprio ventre, no século XV, é sublinhado por saquinhos proeminentes escondidos sob o vestido”¹⁴. Na pintura de Jan Van Eyck de 1434 é possível notar algumas dessas características.

¹¹LIPOVETSKY, Gilles. Ibidem. p. 28.

¹²Idem. Ibidem. p. 31.

¹³NERY, Marie Louise. *A evolução da indumentária: subsídios para criação de figurino*. São Paulo: Senac Nacional. 2007. p. 72.

¹⁴LIPOVETSKY, Gilles. op. cit. p. 31.



Imagem 1 – O Casal Arnolfini de Jan Van Eyck - 1434

Durante o século XVI, na França, as mudanças no vestuário são percebidas por diferentes autores, especialmente Montaigne, em *Les Essais*: “Nossa mudança é tão súbita e tão rápida nisso que a invenção de todos os alfaiates do mundo não poderia fornecer novidades suficientes”¹⁵. A frivolidade e a grande mobilidade da moda se perpetuam durante o século XVII, sendo criticados e comentados em sátiras, obras e folhetos, que segundo Lipovetsky “evocar a versatilidade da moda tornou-se uma banalidade”¹⁶.

Essas críticas eram muito comuns, a mutabilidade da moda era assunto frequente dos cronistas da época; a inconstância e a estranheza das aparências se tornaram objetos de questionamentos e encanto, sendo ao mesmo tempo alvo de condenação moral. A moda do Ocidente não possui um conteúdo próprio, mas é um dispositivo social caracterizado por uma temporalidade particularmente breve, por reviravoltas mais ou menos fantasiosas, podendo, por isso, afetar esferas muito diversas da vida coletiva¹⁷.

No início do século XVIII, a França passa a ser definitivamente a autoridade no quesito de ditar moda. O luxo e a ostentação no vestuário e nas artes foram acentuados pelo Rococó e Barroco, marcados pelo excesso e se tratando desses períodos sempre podiam ser acrescido de algo mais. As regras de etiqueta e comportamento ganham destaque,

¹⁵LIPOVETSKY, Gilles. *Ibidem*. p. 33.

¹⁶Idem. *Ibidem*.

¹⁷Idem. *Ibidem*. p. 24.

demandando a vida em sociedade, no qual ser refinado e educado é tão importante quanto simular riqueza.

Maria Antonieta, Rainha da França na segunda metade do século XVIII, vestia-se para deslumbrar e, o seu visual era copiado pelas mulheres nobres e burguesas. A Rainha “utilizava a moda como um instrumento político, como forma de aumentar ou sustentar sua autoridade em momentos em que ela parecia estar sob risco”¹⁸. Tornou-se referência máxima em moda, impondo-se na corte através do visual, sendo imitada e admirada. As imagens a seguir mostram a ostentação e o luxo nas indumentárias e acessórios de Maria Antonieta.



Imagem 2 - Retrato de Marie Antoinette, (Wikicommons, de Jean Baptiste Gautier Dagoty, Musée Antoine Lécuyer).



Imagem 3 - Retrato de Marie Antoinette, (Wikicommons, de Jean Baptiste Gautier Dagoty, Palácio de Versailles).

Na segunda metade do século XIX, as mulheres começam a usar os *paniers*, armação confeccionada com ferro, barbatanas de baleia, galhos de salgueiro e/ ou vime usado para ampliar as laterais das saias, que chegaram ao ponto de atrapalhar o simples ato de sentar. Os materiais usados em sua fabricação não eram pesados, mas eram usados em grandes quantidades para dar mais volume e ocasionalmente acrescentando mais peso. Os tamanhos ficaram tão exagerados, que causaram uma verdadeira perturbação, sendo quase impossível a passagem em portas, tornando o andar muito difícil e correr praticamente impossível, o que

¹⁸WEBER, Caroline apud SANT’ANNA, Patrícia. EXPRESSÃO, Letícia Sons. *Maria Antonieta, conexões entre moda, cinema e negócios*. Revista Anagrama. Ano 5. Edição 1. Setembro-Novembro de 2011. p. 11.

não era um grande problema, já que uma mulher elegante não andava rápido e nem corria. A seguir ilustração de vestido com *paniers*.



Imagem 4 – Ilustrador Jean Michel, the youger Moreau.

Na segunda metade do século XIX com *Haute-couture* (alta costura), que consiste na criação e confecção de roupas sofisticadas e originais, Paris dita moda para “todas as mulheres *up to date* do mundo”. Sim, a moda era feita para as mulheres nesse período, tendo o vestuário masculino sofrido poucas modificações, diferente do que ocorreu em séculos anteriores, como por exemplo o século XVI, onde o vestuário masculino era extremamente diversificado, com uso de rendas, bordados e tecidos variados.

As ilustrações que se seguem são de indumentárias masculinas, na França, por volta do século XVI e século XIX.



Imagem 5 – A pintura dos dois embaixadores franceses por Hans Holbein – o jovem pintado em 1533, ilustra a persistência da silhueta quadrada.

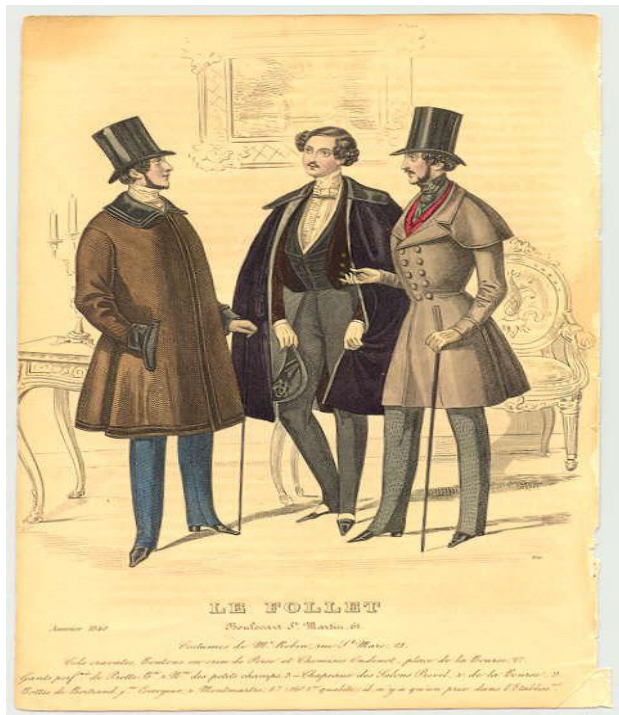


Imagem 6 – Homens franceses, em Le Follet.

Com a *Houte-couture* as roupas passaram a ser exclusivas, sendo feitas apenas sob medida e a preços altíssimos e como escreve Lipovetsky “aparece uma moda hipercentralizada, inteiramente elaborada em Paris e ao mesmo tempo internacional”¹⁹.

¹⁹LIPOVETSKY, Gilles. Ibidem. p. 84.

Mas não eram só as roupas francesas que o mundo queria imitar. A França ditava moda na arquitetura, na maneira de se portar, a língua considerada a mais requintada era o francês e um dos lugares mais procurados por jovens de famílias abastadas para estudar era Paris. Na imagem que se segue, indumentária feminina final do século XIX.



*Imagem 7 - Diário senhoras Weldons novembro 1899
últimas novidades das Weldons para novembro.*

Para Moutinho e Valença²⁰ é especialmente no século XX que a moda se democratiza, devido à difusão feita pelos meios de comunicação, como jornais, as revistas, o cinema e a televisão. E por um fenômeno típico deste século: a industrialização de roupas em grande escala possibilitando à moda, a ampliação de mercado. O século XX é marcado por uma tendência generalizada à simplificação. As imagens a seguir são de mulheres no começo do século XX, mostrando como o vestuário ainda é semelhante ao final do século XIX.

²⁰MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Mária Teófilo. *A moda no século XX*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2000.



Imagem 8 – Revista *La Nouvelle Mode*, edição D'Amateur. 16 de julho de 1905.

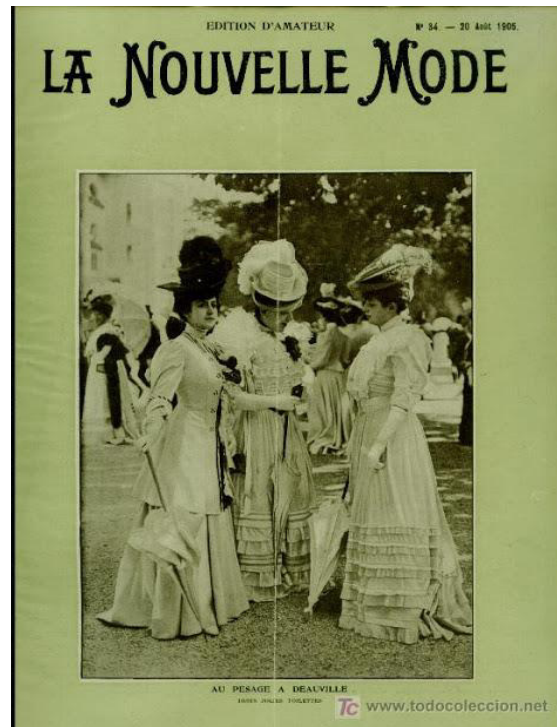


Imagem 9 - Revista *La Nouvelle Mode*, edição D'Amateur. 20 de agosto 1905.

1.1 Belle Époque no Brasil

Para compreender as mudanças que ocorreram no Brasil, é importante destacar a Belle Époque, período que ocorreu na Europa entre as últimas décadas do século XIX e começo do século XX. A Belle Époque é conhecida como período de expansão e progresso, principalmente intelectual e artístico. Nesse momento, várias foram as inovações tecnológicas, como invenção do telefone, o telégrafo sem fio, cinema, automóvel e o avião, que transformaram a vida das pessoas de maneira significativa. E junto com essas novas invenções, surgem novos hábitos, modos de vida e pensamento, com repercussão direta no dia-a-dia.

Nas grandes cidades, as mudanças trazidas por esse período de progresso e sofisticação eram visíveis nas principais avenidas. Multiplicaram-se os cafés, os *cabarets*, as galerias de arte, ateliers e as salas de concertos, espaços esse frequentados pela classe média burguesa, que tinha cada vez mais posses. E a cidade de maior destaque como centro cultural era Paris.

A Influência Europeia no Brasil sempre foi muito significativa. O modo de vestir tinha como parâmetro fundamental a França, que perdura até os dias atuais. Paris consolidou-se como umas das principais referências para o contexto brasileiro da Belle Époque, influenciando diretamente o comportamento do brasileiro, inclusive o ludovicense.

Nesse período não existia uma moda genuinamente brasileira, segundo Moutinho e Valença²¹, a França era o modelo a ser seguido. Então se importava de Paris os mais variados objetos, como roupas, calçados e casacos de pele, patins de gelo, ou seja, muita coisa sem utilidade em terras tropicais.

Na segunda fase da Revolução Industrial, nas últimas décadas do século XIX, com avanços científicos e invenções tecnológicas, maior urbanização e desenvolvimento, a necessidade de consumo da população crescia na proporção do que era produzido. De acordo com Needell, multidões passaram a frequentar as ruas, a burguesia enriquecida consome o mesmo que a aristocracia, o que poderia sugerir quem pertence a cada grupo social era apenas o comportamento e alguns índices de diferenciação pelo vestuário, escolhas que demonstrassem o gosto distinto. Formas ou posturas adquiridas pelo corpo também podiam representar o estilo de vida e o lugar ocupado na sociedade. Com o convívio inevitável entre classes, a burguesia que se consolidava como elite urbana, procurava formas de diferenciação, mesmo que para isso comprometesse a saúde, como por exemplo, pelo uso de espartilhos que limitavam a respiração e também as botinhas femininas apertadas, que deformavam os pés das senhoras²².

No Brasil esse processo de modernização aconteceu mais tardiamente. Antes da chegada da Família Real em 1808 era proibido o desenvolvimento de indústrias na colônia, como forma de proteção, para que não houvesse concorrentes. Com a chegada da Corte de D. João VI esse cenário começa a mudar, ainda de maneira discreta, com algumas indústrias alimentícias e têxteis. Essas indústrias não tiveram grande participação na economia e a principal atividade econômica continuou sendo o café.

Outro fator de destaque com a vinda da Corte Portuguesa ao Brasil, segundo Bonadio, foi o aparecimento da imprensa local e, conseqüentemente, a imprensa voltada para as mulheres da Corte manter-se informadas sobre a moda na Europa²³.

Na Belle Époque a elite e a burguesia carioca, reproduziam no Brasil os hábitos e costumes parisienses, como exemplo os salões, que Needell descreve da seguinte forma: eram reuniões de lazer da alta sociedade, promovidos por anfitriões e suas famílias em suas mansões, tendo como convidados amigos e conhecidos. A decoração, a música, as roupas e outros elementos eram reprodução do que acontecia nos salões parisienses. As atrações de

²¹MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Máslova Teixeira. Ibidem.

²²NEEDELL, Jeffre apud ROMAGNOL, Talyta de Sousa. *O Chá da tarde na Belle Époque*. Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juíz de Fora. 2014. p. 12.

²³BONADIO, Maria Claudia. *Moda e sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920*. São Paulo: Senac SP. 2007.

lazer variavam entre carteados, danças, conversas requintadas e até mesmo trechos de peças de teatro. Nestes eventos demonstrava-se a riqueza e a sofisticação, acontecia o contato social, mulheres usavam vestidos importados e homens trajas formais de noite. Era também onde mulheres demonstravam seus talentos²⁴.

De acordo com Needell, no Rio de Janeiro a Rua do Ouvidor se destacou em relação à modernidade, foi a primeira rua a receber luz elétrica (1891), o primeiro telefone, a primeira linha de bonde com regularidade. No final do século XIX já se sobressaía com um comércio sofisticado, lojas como a NotreDame e a Casa Wallerstein, expunham artigos de luxo como acessórios, roupas e também serviços de cabelereiros franceses e barbearia. As primeiras vitrines com exposição de produtos, chamando a atenção dos clientes, substituíra o antigo sistema de comércio de moda, aonde a costureira ia até a residência dos clientes²⁵.

A modernização do Rio de Janeiro inspirado no modelo vindo da Belle Époque parisiense ia além da estrutura física da cidade. Era necessário atingir também o comportamento de seus cidadãos, era necessária maior civilização, com a inserção de novos hábitos. Segundo Rainho, a europeização foi a base para o “processo civilizador”. A reforma deveria ir além do plano físico, “higienizar” também os costumes da população, eliminando os hábitos, gestos e religiões populares. Andar sem calçados, cuspir ou escarrar na rua, praticar seitas de macumba e outros costumes deveria ficar restrito ao subúrbio, que não estava em sintonia com a modernidade da região central. A demolição das casas e cortiços para a construção e embelezamento da Av. Central teve consequências desastrosas para as pessoas expulsas dessas moradias. Criou-se uma crise habitacional que levou ao surgimento das favelas. Os higienistas acreditavam que leis e decretos era a melhor maneira de executar a regeneração civilizadora e erradicar os grupos populares, vadios, seresteiros e boêmios do centro do Rio²⁶.

A influência da Belle Époque não se restringiu ao Rio de Janeiro, outras capitais como, por exemplo, São Luís, capital da província do Maranhão, também buscou se modernizar. Com uma sociedade complexa, com contrastes evidentes, que afloravam no cotidiano dos ludovicenses, São Luís tomava conhecimento das transformações ocorridas na Europa por intermédio dos filhos da elite brasileira, que foram estudar no Velho Mundo. Voltando ao Brasil, traziam as ideias de modernização, que serão adaptadas à realidade brasileira e às necessidades da elite, como descreve Needell,

²⁴NEEDELL, Jeffre apud ROMAGNOL, Talyta de Sousa. Ibidem. p.13.

²⁵Idem. Ibidem.

²⁶RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções* – Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

“esta concepção de um novo Brasil, embora variasse muito segundo os seus proponentes, apresentava um denominador comum: a reformulação do país conforme os modelos políticos apresentados pelos republicanos norte-americanos e franceses”²⁷.

²⁷NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.23.

CAPÍTULO 2

A MULHER MARANHENSE NA PRIMEIRA REPÚBLICA

O século XX foi marcado por rápida evolução, podendo ser vista em todos os domínios, assim como nas ciências da natureza, as estruturas sociais e a arte, a tecnologia, relações de comércio e política de abrangência internacional e com a moda não foi diferente, sendo o século XX essencial para as mudanças desse setor.

A Primeira República é um período da história do Brasil que é lembrado pelo domínio político das elites agrárias mineiras, cariocas e paulistas. Não diferente, o país estruturou-se como um grande exportador de café e a indústria cresceu significativamente. Na área social, várias revoltas e problemas sociais aconteceram em todo o território brasileiro²⁸. Se por uma perspectiva a política do café-com-leite privilegiou e favoreceu o crescimento da agricultura e da pecuária na região Sudeste, por outro lado, acabou provocando um abandono das outras regiões do país. As regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste ganharam pouca atenção política e tiveram seus problemas sociais agravados.

Na transição entre século XIX para o XX, o Brasil aboliu a escravidão, deixou de ser uma Monarquia e passou a ser uma República. A burguesia ascendeu juntamente com seus ideais, o capitalismo se consolidou e o espaço urbano foi modificado. O Rio de Janeiro nunca foi tão francês como nesse período. Pereira Passos, prefeito entre 1903 e 1906, usou como referência as ações empreendidas por Eugene Haussmann, responsável pela modernização de Paris, para realizar uma reforma urbanística na capital brasileira, mas não foi apenas uma mudança arquitetônica, foram alteradas também as práticas sociais. “A elite carioca frequentava livrarias, cafés, confeitarias e óperas, onde conversavam sobre cultura, literatura e moda”²⁹.

Vestem saias compridas, amplas cheias de camadas, sugadas a mão. Mostram cinturinhas de marimbondo, os traseiros em tufo, ressaltados por coletes de barbatanas de ferro que descem quase um palmo abaixo do umbigo. Todas de cabelos longos, enrodilhados no alto da cabeça e sobre os quais se equilibra um chapéu que, para não fugir com o vento, fica preso a um grampo de metal em forma de gládio curto, com um cabozinho enfeitado de madreperolas ou pedras fantasia. Usam como fazendas, o surah, o faille, o chamalote, o tafetá e o merino; calçam botinas de cano alto, de abotoar ou presas a um cordão, o infalível leque de seda ou gaze na mão, sempre muito bem enluvada³⁰.

²⁸SUA PESQUISA. *Primeira República no Brasil*. Disponível em: www.suapesquisa.com.br. Acesso em: 14 nov. 2015.

²⁹ESQUENEZI, Rose. *A França nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Editor Sabin, 2009. p.58.

³⁰Idem. Ibidem. p.56.

Essa é uma descrição feita pelo jornalista e memorialista Luiz Edmundo (1878-1961) das moças pertencentes à elite carioca, que transitavam principalmente no Largo da Carioca e na Rua Gonçalves Dias, mas poderia descrever as moças de várias capitais brasileiras, inclusive as ludovicenses.

A elite e a classe média de São Luís, também tinham preocupação de vestir-se bem, vestir-se de acordo com a moda, assim como as mulheres da capital federal. O que não deveria ser uma tarefa muito fácil, já que tanto o Rio de Janeiro como São Luís mantêm temperaturas altas durante o ano todo. No caso de São Luís além das temperaturas elevadas, a cidade era desprovida de infraestrutura, o que tornava a tarefa de usar roupas e ornamentos tão elaborados bem complicada e desconfortável.

O Brasil durante muito tempo teve a população rural bem maior que a urbana. A distância entre as fazendas era grande, dificultando o contato entre as famílias e consequentemente a comunicação entre elas, só sendo possível em poucas ocasiões, entre estas, no dia de missa. Essa população do campo vivia quase sem conforto e mantinha vestígios do período colonial. Fabricavam suas roupas e utensílios domésticos, as casas eram desprovidas de móveis e viviam com pouco conforto.

Particularmente, o Nordeste mantinha uma população que de fato vivia quase em sua totalidade no meio rural e mantinha evidentemente resquícios do período colonial. “Os homens que viviam em fazendas comumente tinham seu comportamento considerado ‘grosseiro’ e ‘rude’, trabalhando diretamente com a terra e os animais, vivendo de pouco luxo”³¹.

As mulheres que moravam nessas fazendas, não tinham contato com as inovações vindas da Europa, principalmente do que diz respeito a regras de etiqueta e o que estava na moda. Após as gestações, em geral mais gordas, passavam a confeccionar suas próprias roupas, sem formas e com tecidos grosseiros³². Mas esse cenário começa a mudar com a diminuição da população rural e aumento da urbana, ocasionada por muitas mudanças ocorridas na virada do século.

Nesse período, o Maranhão assim como o resto do país sofreu profundas transformações, segundo Besse, “a aceleração da Revolução Industrial na Europa trouxe ao Brasil as ferrovias e os navios a vapor, criou elevada demanda pelas culturas de exportação do

³¹SILVA, Camila Ferreira Santos. “*Para bailes*”: a roupa feminina e os espaços públicos em São Luís no início do século XX. Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História. UNICENTRO. Universidade do Pará, 2013. p. 66.

³²FREYRE, G. apud SILVA, Camila Ferreira Santos. *Ibidem*.

Brasil e propiciou oportunidades de lucro sem precedentes”³³. E dessa forma mudou de maneira bastante significativa o modo de vida dos brasileiros, principalmente nas grandes capitais, como o Rio de Janeiro, tendo como modelo ideal a ser seguido, a França, sinônimo de requinte e modernidade.

Nas primeiras três décadas do século XIX, o algodão ocupou lugar de destaque na economia maranhense, com variação entre 73% a 82% do total de exportações³⁴, levando os estudiosos a afirmarem que a economia do Maranhão nesse período poderia ser chamada de a economia do algodão. Mesmo com a concorrência, mudanças de preço e questões cambiais, o algodão manteve seu lugar de destaque na pauta de exportação da província até as primeiras décadas do século XIX³⁵.

Na segunda metade do século XIX, a elite maranhense vive período de economia próspera, graças ao fortalecimento econômico com a implantação do cultivo de cana e fabricação de açúcar. E foi graças a essa prosperidade que as primeiras tentativas de modernização aconteceram, assim como escreve, Régia Agostinho:

A cidade de São Luís, nesse período passou por um processo de infraestrutura urbana: encanamento e distribuição de águas no rio Anil, (Companhia Rio Anil, 1880), iluminação a gás (Companhia de Iluminação a Gás do Maranhão, 1862,) bondes de tração animal. Criou-se a companhia Aliança para o beneficiamento e armazenamento de algodão (1873), o Engenho Central de São Pedro (1841) e as unidades fabris, (predominando as têxteis), instaladas nos decênios de 1880 e 1890³⁶.

Mas o açúcar brasileiro perdeu espaço no mercado interacional, devido à concorrência do açúcar feito da beterraba na zona caribenha, um açúcar com menor custo e de maior qualidade. “A prestimosa classe de agricultores”, desiludidas com a crise que se instalou depois da promulgação da Lei Áurea e da Proclamação da República, viram na indústria têxtil um meio de substituir a agricultura já sem condições de competir, com os Estados Unidos, que produziam um algodão melhor e mais barato e também com açúcar produzido no Caribe. No ano de 1895, o parque de indústrias no Maranhão era:

³³BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 15

³⁴CARVALHO, C. J. *Ascensão e Crise da Lavoura Algodoeira no Maranhão (1760- 1910)*. Rio de Janeiro; UFRJ, 1982. Dissertação de Mestrado.

³⁵FILHO, Jomar F. P. *Formação Econômica do Maranhão*. VII Jornada Internacional de Políticas Públicas, UFMA, 2015.

³⁶SILVA, Régia Agostinho da. *A Escravidão no Maranhão. Maria Firmina dos Reis e as Representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX*. São Paulo, 2013. p. 27.

composto por 17 fábricas pertencentes a sociedades anônimas e 10 que eram de particulares, sendo 10 de fiação e tecidos de algodão, 1 de fiar algodão, 1 de tecido de cânhamo, 1 de tecido de lã, 1 de meias, 1 de fósforos, 1 de chumbo e pregos, 1 de calçados, 1 de produtos cerâmicos, 4 de pilar arroz, 2 de pilar arroz e fazer sabão, 1 de sabão e 2 de açúcar e aguardente³⁷.

As indústrias sinalizavam o grau maior de modernidade e desenvolvimento de uma cidade e diante do novo contexto, no qual não existiam mais escravos e o Brasil não era mais um Império, se tornava inviável continuar com agriculturas que dependiam de grande quantidade de mão de obra escrava e manter o mesmo sistema econômico diante de tantas mudanças ocorridas com a Revolução Industrial.

As fábricas se instalaram de maneira imediata, tendo maior destaque as indústrias têxteis, logo após o declínio do algodão e do açúcar. Sua maioria concentrada na cidade de São Luís, “a utilização da mão-de-obra, chegava a ser 70% feminina, o que certamente serviu de chamariz para muitas mulheres que no campo passavam por severas dificuldades econômicas”³⁸. As fábricas têxteis, junto com a “modernidade” trouxeram também uma série de problemas públicos. O inchaço da cidade e as construções irregulares facilitavam a proliferação de doenças.

No início do século XX, muitos foram os surtos de epidemias. As principais causas dessas epidemias segundo os médicos de época, era a falta de higiene na cidade, as condições insalubres dos cortiços, grande quantidade de pessoas vivendo em um pequeno espaço, sem ventilação, onde eram verdadeiros criadouros de ratos. Mesmo diante desse problema sério de saúde pública, o governo não cessava o embelezamento da cidade.

O jornal Pacotilha fazia críticas às tentativas de embelezamento criadas pelo governo, “cioso de suas construções dispendiosas, querendo introduzir o luxo onde não há asseio, descuro do necessário, embebido nos seus planos irrealizáveis, tentando transportar Paris para o pequeno seio da capital”³⁹. São Luís não tinha um serviço regular de limpeza, as ruas eram sujas, inclusive o interior das casas. Não havia controle efetivo das mercadorias e das pessoas que chegavam a São Luís pelo mar, já que era pelo mar que o Maranhão se unia ao resto do mundo. De acordo com Maria da Glória Guimarães Correia, “do resto do mundo vinha quase tudo, das modas de Paris à varíola, bem como o seu antídoto”⁴⁰.

³⁷VIVEIROS, Jerônimo de. *História do Comércio do Maranhão, 1612+1895*. São Luís, Edição da Associação Comercial do Maranhão, 2º Vol. p. 558-559.

³⁸CAMPOS, Marize Helena. *Maripozas e Pensões: um estudo da prostituição em São Luís do Maranhão na primeira metade do século XX*. São Paulo: USP, 2001. p.21

³⁹PACOTILHA, São Luís. 04/05 /1902.

⁴⁰CORREIA, Maria da Glória Guimarães. *Nos fios da trama: Quem é essa mulher? Cotidiano e trabalho do operariado feminino em São Luís na virada do século XIX*. São Luís: Edufma, 2006. p.77.

Diante desse cenário de abandono, falta de hospitais, médicos e de uma fiscalização eficaz, eram comuns as reincidências de muitas doenças, antes consideradas erradicadas. O governo mandava recolher os doentes, que ficavam isolados. O Código de Posturas Municipais de 1983 e 1986 exigia que todos comunicassem a existência de parente que fosse acometido por doença contagiosa e epidêmico, e que também não recebessem em suas casas pessoas enfermas e todos aqueles que se negassem a tomar a vacina ou deixar de vacinar seus familiares, seriam multados⁴¹.

A crença popular era muito forte, dificultando o tratamento dos enfermos e a prevenção de novos surtos. Devemos levar em consideração que a medicina nesse período ainda estava em fase de afirmação e esta lutou anos contra a sabedoria popular e a cura caseira. Dessa forma as pessoas se recusavam a tomar a vacina ou fazer o tratamento indicado pelo médico. Não seguiam também as medidas de higiene exigidas pelo governo. “Levados por um otimismo inexplicável, não se convenciam de estar de braços com o mal, e, nessas condições tinham por exageradas às medidas postas em práticas”⁴².

2.1 França tropical e suas mulheres

A capital maranhense, São Luís, não é francesa só no nome, foi fundada por franceses, mas “foi contudo, sob lusitanos cuidados que cresceu e fez-se bela”⁴³, mesmo sem quase vestígios franceses, é desse passado “glorioso”, que a elite letrada ludovicense faz questão de lembrar.

Nos salões dos altos dos dobrados ia dominando o francês, num testemunho de que ali se padecia a angústia da origem desconhecida ou duvidosa. E talvez porque a fundação/ocupação francesa no Maranhão “não tivesse deixado vestígios”, já que o conventinho edificado por Ives d’Evreux, Ambroise d’Amiens, Arsène de Paris e Claude d’Abbeville havia desmoronado, e até mesmo o forte construído pelos franceses fora remodelado após sua expulsão, entregava-se gente dos altos a um imperialismo cultural que lhe dava a ilusão de manter laços de parentesco, pois não havia na cidade suporte físicos para a construção da memória desejada, já que raríssimos sobrenomes não solucionavam seu complexo de origem⁴⁴.

Era comum jovens estudarem em Londres e Paris, “em detrimento a Lisboa”⁴⁵ e ao voltarem para sua terra natal, esquecer-se de como falar português. E esse desejo de copiar

⁴¹CORREIA, Maria da Glória Guimarães. Ibidem. p. 77.

⁴²RODRIGUES, Carlos Costa. *Relatório do Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural do Estado do Maranhão*. São Luís: Soares & Chaves Editores. p.19.

⁴³CORREIA, Maria da Glória Guimarães. op. cit. p. 23.

⁴⁴Idem. Ibidem. p. 53.

⁴⁵Idem. Ibidem.

costumes europeus era ainda mais instigado com as “inúmeras casas francesas e inglesas”⁴⁶, instaladas na capital maranhense, dando oportunidades para a os grandes fazendeiros (que no início do século XX, já habitavam o centro de São Luís) e comerciantes a consumirem o que era “bom e belo”, segundo os ditames e critérios de países europeus, como é exposto no seguinte anúncio:

Socio ete Commerciale d’Outre-Mer
 França-Pariz
 Capital-Um milhão
 Socio ete Commerciale de Outre-Mer
 França-Pariz
 Capital-Um milhão de francos
 Avia com prontidão e rigoroso escrúpulo,
 todas as mercadorias de origem franceza.
 Grande coleção de catálogos e amostras
 Agente em Maranhão- J. Pires
 Rua 28 de Julho, 14⁴⁷.

São Luís assim como o Rio de Janeiro, também busca se tornar mais urbanizada, na intenção de deixar para trás características que a remetesse ao passado colonial e rural, “daí a vinda dos fazendeiros para a capital, mais precisamente para o bairro da Praia Grande, na freguesia de Nossa Senhora da Vitória estendendo-se para a freguesia de Nossa Senhora da Conceição”⁴⁸. Esses fazendeiros contribuíram para a movimentação da vida comercial e estimularam a tradição do acúmulo de riquezas, onde a aparência sofisticada passou a ser essencial no modo de vida dos maranhenses.

Mesmo diante desse caos, o “progresso” não pode parar. As fábricas são instaladas, e conduzidas a “todo vapor”. A mão de obra empregada era em sua grande maioria de mulheres e crianças, algo em torno de 70%, “proveniente da camada urbana empobrecida ou de pessoas deslocadas do campo”⁴⁹. A quantidade de mulheres pobres que veio do interior para a capital ludovicense foi maior que a quantidade de vagas oferecidas nas fábricas, o que de acordo com Marize Helena Campos, “gerou uma massa excluída que pode explicar o alto número de casas de meretrizes”⁵⁰.

Nas fábricas, trabalhavam brancas, pretas, casadas e solteiras. Rotuladas das mais variadas formas, mas que tinha em comum a necessidade de trabalhar. Em uma sociedade extremamente machista, não era de se estranhar o fato de mulheres que saíam de casa sozinha e que trabalhavam serem mal vistas pela sociedade. Conforme salienta Correia,

⁴⁶CORREIA, Maria da Glória Guimarães. Ibidem. p. 55.

⁴⁷FOLHA DO POVO, São Luís 15/10/1923.

⁴⁸SILVA, Camila Ferreira Santos. Ibidem. p. 30.

⁴⁹CAMPOS, Marize Helena. Ibidem. p. 20

⁵⁰Idem. Ibidem.

Assim num contexto marcado por preconceitos morais, de classe e de cor, tornaram-se elas a grande alternativa de sobrevivência, tanto para mulheres negras como para brancas destituídas de bens e instrução, como também para os “anjos caídos”, como se costumava dizer que eram certas mulheres⁵¹.

As mulheres viam no trabalho uma maneira honrada de viver e servia também como forma de proteção contra a prostituição, muito comum entre mulheres pobres nesse período. Mas perante a sociedade elas não eram vistas com “bons olhos”. Chegavam até mesmo a esconder a condição de operária, porque muitos rapazes se recusavam a namorá-las. Não era incomum maridos e pais não aceitarem que suas esposas e filhas trabalhassem nessas fábricas, mesmo sendo necessário para complementação da renda mensal, que era irrisória e não dava para custear nem as despesas básicas. O fato de homens e mulheres trabalharem em um mesmo ambiente facilitava o assédio e aumentava ainda mais o preconceito contra essas operárias.

Diferente das mulheres de classe baixa, como por exemplo, as operárias, as moças de famílias abastadas não trabalhavam. Elas eram proibidas até mesmo de saírem sozinhas de casa. Não era correto uma moça de família andar desacompanhada. Passavam a maior parte do tempo reclusas, resumindo a vida social às missas dominicais, fazendo lembrar o comportamento de mulheres na idade média. Mesmo com séculos separando essas mulheres e com tanta “modernidade”, a sociedade infelizmente ainda via a mulher como um ser limitado, onde o homem é o protagonista.

Esse cenário começa a mudar com a modernização de São Luís, ou pelo menos a tentativa de modernizá-la, tendo como espelho a bela Paris, símbolo maior de modernidade nesse período. Essa modernização ocasionou mudanças nos costumes e também na mentalidade da burguesia ludovicense. As mulheres da elite e classe média passaram a ser vistas com mais frequência,

Nos bailes, nos teatros, nos colégios particulares, onde as jovens eram instruídas em conhecimentos de dança, instrumentos musicais como piano, em línguas estrangeiras. Essas mudanças estavam relacionadas tanto ao crescimento urbano com suas novas formas de sociabilidade, quanto às aspirações das elites em adequarem-se aos padrões culturais e civilizatórios europeus, o que correspondia a uma necessidade de maior iniciação das mulheres nos conhecimentos elementares da cultura erudita⁵².

⁵¹CORREIA, Maria da Glória Guimarães. *Ibidem*. p. 201.

⁵²ABRANTES, Elizabeth Sousa. *Educação feminina em São Luís, século XIX*, ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003. p. 01.

Com a modernização da sociedade, a mulher ganha mais espaço, mas isso deve ser analisado com cuidado, de acordo com Jurandir Freire, a mulher foi impulsionada de diversas maneiras pela urbanização, a favor de ações cada vez mais públicas, dentre elas destacam-se aspectos de capacitação intelectual e profissional.

Descritivamente, essa reciclagem da função feminina na família operou-se em dois tempos. No primeiro, a higiene, acompanhando a urbanização, retirou a mulher do confinamento doméstico, liberando-a para o convívio social e o consumo comercial. Esta etapa seria representada pela crítica à ‘mulher de alcova’⁵³.

A definição de liberdade nesse caso deve ser analisada com cautela, os mesmos intelectuais que argumentavam a necessidade de mais empenho público em relação às mulheres, falavam também da importância de controle sobre elas, devendo essas mulheres não ultrapassar as barreiras da mulher-esposa-mãe. A urbanização permitiu a abertura de muitas possibilidades de intelectualização feminina, visando maiores probabilidades na instrução formal, pública ou privada. Dessa forma houve aumento das mulheres alfabetizadas, levando essa mulher para além da vida doméstica, até porque o momento exigia mulheres mais cultas.

A urbanização do final do século XIX aumentou drasticamente as oportunidades de investimento, emprego, mobilidade social e mobilização política – oportunidades que, por sua vez, fomentaram transformações na consciência e gradativamente afrouxaram as relações sociais patriarcais tradicionais⁵⁴.

A Educação recebida pela mulher nesse período, não tinha o propósito de levá-la a uma universidade, como acontecia com a educação masculina. Uma diferença clara de gênero que para Scott é “um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos [...] é uma forma primária de dar significado às relações de poder”⁵⁵. Oportunidades e comportamentos distintos marcam a relação de força e de dominação gênero, e neste contexto, como elucidado por Sales durante a Primeira República encontra-se “[...] um sistema educacional que continuava a privilegiar a ação, a preparação e a formação do homem e da mulher para papéis legitimamente condicionados durante o Império”⁵⁶.

⁵³COSTA, Jurandir Freire apud SALES, Tatiane da Silva. *A mulher e a educação feminina em São Luís na Primeira República*. Outros Tempos. Dossiê Estudos de Gênero. vol. 7; 2010. UEMA, 2010. p.278.

⁵⁴BESSE, Susan K. Ibidem. p. 18.

⁵⁵SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade: Porto Alegre, 1990. p. 86.

⁵⁶SALES. Ibidem. p. 278.

2.2 Educação da mulher ludovicense

A modernização trazida pela Belle Époque influencia não apenas no modo de vestir, como já foi abordado anteriormente. Moda não é apenas roupas e acessórios, “a moda está nos comandos de nossas sociedades”⁵⁷. Apesar do “atraso” em relação à Europa e levando em consideração a realidade existente em São Luís, a educação feminina da elite e classe média ludovicense passou a ter mais importância. A partir desse momento “havia uma demanda pela formação e existência de uma sociedade ludovicense civilizada, muitas vezes chamada de ‘*high-life*’, ‘boa sociedade’, ou ainda, que tivesse adaptada à convivência nesses novos locais de sociabilidade”⁵⁸. Essas cobranças recaíam sobre as mulheres de famílias abastadas ou de classe média.

Sales afirma que a transição do rural para o espaço urbano quebrou barreiras e possibilitou a abertura de novas possibilidades de intelectualização feminina, proporcionando a essas mulheres a oportunidade de uma instrução formal, pública ou privada. “O contato maior com o mundo para além do doméstico motivou, inclusive, um aumento de mulheres alfabetizadas, pela constante necessidade que a cidade exigia ‘gerando’ mulheres mais cultas, com possibilidades de visibilidade pública”⁵⁹. Através dos jornais da primeira metade do século XIX, é perceptível a existência de discursos com apelos por mais instrução para as mulheres.

Nos artigos do jornalista José Cândido, publicados no jornal “Farol Maranhense” entre 1828 e 1830, as mulheres das camadas média e alta eram retratadas como sendo bem prendadas, mas de péssima conversação, faltando-lhes uma instrução escolar que lhes dessem os conhecimentos mínimos exigidos para uma conversa mais intelectual. O jornalista reprovava a mentalidade conservadora de muitos pais de famílias que consideravam desnecessário instruir suas filhas ou daqueles que achavam que somente o saber ler e escrever eram o suficiente na educação de uma moça. Lamentava a precária educação das mulheres maranhenses, comentando o quanto era desagradável para os homens de sua classe social, os quais receberam uma instrução mais elevada, não terem interlocutoras com um nível mais elevado⁶⁰.

Mesmo com essas mudanças a educação feminina ainda era voltada ao lar. Ela era ensinada desde cedo a ser uma boa esposa para seu marido letrado e como deveria se portar em locais públicos. Essa educação preparava as mulheres para os papéis sociais de esposa e de mãe, onde ela devia representar socialmente sua família, mostrando boas maneiras, fazendo a distinção social e de conduta moral.

⁵⁷LIPOVETSKY. Ibidem. p.13.

⁵⁸ABRANTES, Elizabeth Sousa. Ibidem. p. 02.

⁵⁹SALES, Tatiane da Silva. Ibidem. p. 279.

⁶⁰ABRANTES. Elizabeth Sousa. op. cit. p. 02.

A educação oferecida a essas moças não dava suporte para elas aprofundarem seus conhecimentos. Uma queixa muito comum era que as mulheres ludovicenses tinham uma conversa muito limitada. Como relata Elizabeth Abrantes “comentava que a conversa das moças maranhenses versava somente sobre modas, vestidos, cosméticos, cabelos, bilhetes amorosos, o último baile, não possuindo cabedal científico para tratarem de outros assuntos como literatura, música, pintura”⁶¹.

Com uma educação restringida a aprender a ler, tocar instrumentos musicais, bordar e pintar, não podia mesmo essa moça nesse período discutir sobre políticas, economia ou filosofia. Então não é de se estranhar o fato de terem um diálogo tão limitado. Elas são reflexo de uma sociedade machista, com a vida voltada aos filhos e ao bem-estar do marido. Podemos constatar o nível da educação feminina nesse período com o anúncio de um jornal da época.

Educandário Maria Auxiliadora

Equiparado ao curso profissional do Estado por Lei nº 714 de 31 de março de 1916 e decreto nº 468 de julho de 1921.

Mantem uma secção especial de línguas e piano, bandolim, violino, pinturas de flores artificiais, etc., e outra para o ensino variadíssimo de bordado a branco, desde o mais simples até os mais finos e próprios para enxovaes do mais apurado gosto. O Educandário Maria Auxiliadora, instalado em prédio vasto, confortável e higienico, sob todos os pontos de vista, acha-se em condições de satisfazer as justas aspirações dos senhores pais de família, oferecendo as vantagens para a educação literaria e artística das suas filhas.

O estudo obedece um systema racional.

A Directoria terá sempre em vista, como principal escopo, a formação do caracter das suas alunas, dirigindo-as, com suavidade, á aquisição dos dotes Moraes que constituem o mais nobre apanágio da môça e da mãe de família.

As alunas estarão sempre sob a vigilância das professoras, que se esforçarão por desempenhar, com interesse e zelo, o magistério a que se dedicam⁶².

Ainda no século XX a educação voltada para as mulheres mantinha-se no complexo paradoxo entre a instrução e a educação, em que aos homens se instruía para desenvolver a inteligência e às mulheres eram educadas para desenvolver o caráter⁶³. Como enfatiza a referenciada autora, ainda na metade deste mesmo século era notável algumas mudanças nos principais centros urbanos, infelizmente – mas significativa – nas camadas sociais mais elevadas, a sociedade já modificava os seus costumes e sua mentalidade a respeito do comportamento da mulher.

⁶¹ABRANTES. Elizabeth Sousa. Ibidem. p. 2.

⁶²DIÁRIO DE SÃO LUIZ, 15/05/1923.

⁶³ABRANTES. Elizabeth Sousa. op. cit. p. 3.

Foram muitos os mecanismos “opressores, que levaram a patologização da mulher”⁶⁴, assim como de outras minorias, como os homossexuais, os negros e as crianças. Vista como forma de aprisionamento segundo Foucault, a diferenciação de gênero, onde a mulher é o ser frágil, quase doente, dependente do homem para sua sobrevivência, perdura infelizmente até os dias de hoje, mesmo sendo a luta das mulheres por igualdade de gênero, uma luta secular, iniciada em meados do século XIX.

⁶⁴RIBEIRO, M. O. *A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem*. Rev. Esc. Enf. USP. v. 33, n. 4, p. 358-63, dez. 1999. p. 399.

CAPÍTULO 3

MODA DA DAMA LUDOVICENSE ATRAVÉS DOS JORNAIS E REVISTAS

Moda foi um tema que ganhou bastante proporção no meio social durante o século XIX, recebendo espaço significativo nas mídias da época compostas pelos periódicos, jornais e revistas. Com o aumento da divulgação, aumenta também o interesse pelo tema. Foram construídos novos hábitos, muitas mulheres passaram a buscar por informações e, com maior frequência, queriam estar a par do que era mais usado na Europa, principalmente em Paris.

As publicações sobre moda ganharam ênfase no Brasil, sendo lançadas revistas que davam bastante ênfase sobre esse assunto, como foi a *Revista da Semana*, periódico ilustrado de variedades fundado por Álvaro de Tefé no Rio de Janeiro em 1900 e extinto em 1959. Foram criados também os manuais de modos e os guias. Esses guias e manuais surgem no século XIX, mas é a partir do século XX, com a modernização e urbanização das grandes cidades, que eles foram largamente difundidos. As edições e reedições dos manuais aumentaram de maneira significativa na primeira metade do século XX. As citações a seguir, de jornais e revistas preservam a gramática da época, sem correções para a grafia atual.

Na edição da *Revista da Semana* publicada em 01/10/1921 é possível encontrar, por exemplo, a temática sendo tratada de maneira conservadora:

Para guardar a alma pura das moças, não lhe deem senão gostos simples. Antes, a entrada na sociedade não se fazia tão cedo; as toaletes de baile eram modestamente decotadas; não usavam joias ricas antes do casamento, nada de meias de seda nem roupas de baixo de luxo, todo o vestuário era simples. Hoje o enxoval de uma menina comporta roupas de seda, em todos os coloridos, ricas rendas, bordados de fadas, joias riquíssimas. O vestido de baile de uma moça moderna só pode servir para afastar os pretendentes sérios. E, muitas vezes, esse luxo não corresponde ao dote nem ao que se chama abominavelmente as esperanças. Os costumes antigos tinham o seu lado bom e o casamento mais estabilidade⁶⁵.

Para Kronka, o jornalismo de moda surge como “efeito de uma sociedade de consumo, que absorve a notícia como informação atualizada, mas também lendo nas entrelinhas que tal informação pode ser também uma sugestão de compra”, assumindo a forma de prováveis “dicas” oferecidas às leitoras dos periódicos.

⁶⁵CASADEI, Eliza Bacheга. *JORNALISMO DE MODA EM REVISTA: Momentos históricos do registro editorial da moda no Brasil no período anterior aos 60*. REVISTA DA SEMANA, <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao53/materia03/>. Acesso em: 15 dez. 2016.

Para analisarmos a moda em São Luís é necessário compreender o contexto da época. Durante o século XIX, a Europa passa por transformações significativas na indústria têxtil, possibilitando o desenvolvimento do mercado de roupas prontas, *prêt-à-porter*, “pronto pra vestir”, as roupas passam a ser feitas industrialmente e em série, dando maior mobilidade e conseqüentemente uma maior frivolidade às mudanças no vestuário. Partindo de uma perspectiva mais simplista, mostrar-se-á aqui como a moda influenciou (e influencia) de modo significativo na vida das mulheres. Para analisar essa influência em São Luís, utilizei jornais e revistas da época.

Sendo o primeiro meio de comunicação impresso da sociedade, o jornal possui uma representatividade forte na conscientização social e na manutenção do comportamento de uma determinada sociedade. A promoção da caracterização de homens e mulheres, sem dúvida alguma se deu nos meios de comunicação, os jornais ocupam o patamar de principal veículo, corporificando modelos masculinos e femininos aceitáveis na sociedade.

Como indica Silva⁶⁶, o modo de se vestir e de como portar-se diante dos outros, representa a forma como quer remeter-se a determinado status social, ao sexo e entre outros. A linha tênue entre “mulher honesta” e “mulher falada”, no início do século XX polemizou a relação da Igreja Católica com a mulher, uma vez que determinado comportamento poderia agredir os valores, a moral e os bons costumes da família sagrada.

Mas de qualquer forma, os jornais traziam e disseminavam as atualizações do mundo da moda, fazendo com que as mulheres se interessassem por esse veículo de comunicação, expandindo não só os seus conhecimentos de moda, mas também abrindo portas para diversas leituras que pudessem despertar um interesse novo e cabível agora ao seu novo modo de vida.

É difícil julgar o interesse feminino por esta área, uma vez que ao longo dos anos, o modo de se vestir representou – quase sempre – a sua posição social, mas mesmo diante da “postura” que toda mulher deveria adotar na época, vê-se que a intensidade em que a moda avizinhava-se, as mulheres também se moldavam, a fim de encaixar-se ao novo paradigma social, não deixando de lado a feminilidade e a aceitação dos padrões sociais.

Neste trecho do jornal *Os Novos* (05/08/1900), percebe-se a moda ainda com toda a sua singularidade feminina, onde as peças voltadas para a vestimenta da mulher, ainda permeiam o frágil, o leve e o sensível, (re)afirmando a postura da mulher como um ser celestial e puro, digno de ser aceito como o elo familiar de maior posição no que diz respeito a doação de amor e carinho incondicional.

⁶⁶SILVA, Camila Ferreira Santos. *Ibidem*. p.70.

- O intenso calor faz com que vogue a camizinha leve de musselina, muito fresca e agradável.

- Com as modas do estio todas as senhoras parecem mais jovens, mais linda no seu quadro. Os imensos chapéus que as aureolam fazem parecer mais fino, mais mimoso, mais ideal, o gracioso rosto que emolduram. Os actuaes chapéus são todos muito grandes, absolutamente chatos guarnecidos de laços e de flôres repousando sobre os cabelos.

A ultima novidade é chapéu a ponta-dobrado, de florzinhas, cosidas umas ao lado das outras, formando com que um estofa de flôres de tecidos⁶⁷.

Os lazeres sociais voltados para a mulher de fato ganharam repercussão, a vida noturna, como não poderia ser diferente, adequou-se as peculiaridades do mundo da moda. No jornal *Maranhão* (19/10/1923) percebe-se a ascensão da moda e o investimento em eventos que divulgassem o novo comportamento da mulher mediante o mundo; claro que tudo muito sofisticado e considerado como feminino: damas com chapéus e vestidos requintados preenchiam os salões onde todos pareciam ostentar muita riqueza. “No «City», uma nuvem de borboletas de cores variadas, vagavam sem passar das salas do baile para os corredores, salas de jantar e tapete verde.”

De qualquer forma, mesmo ainda mantendo este cunho dócil e sensível, a notoriedade da divulgação da moda nos jornais e a popularização da etiqueta na sociedade acabaram dividindo a sociedade ludovicense onde a atualização no mundo da moda era por vezes considerada saudável e por outras visto como algo sensacionalista, “ao mesmo tempo em que observamos a disseminação e o incentivo pelos jornais das ditas “novidades da moda”, em contrapartida havia também a desvalorização de tais modas, ou, mais precisamente, das mulheres que as acompanhavam”⁶⁸.

A exposição corporal, aos poucos foi dando espaço para uma discussão sobre vulgarização da moda feminina, claro que na época, a liberdade de expressão e o respeito de gêneros não eram abordados da forma como é nos dias atuais, então qualquer mudança na forma de se vestir, que representasse alguma ofensa a moral e aos bons costumes da sociedade, seria visto como uma afronta pública. Os olhos voltaram-se para o comportamento feminino de forma a julgar e criticar quaisquer atos que pudessem denegrir a imagem e o status familiar a qual pertencia.

Uma passagem que representa este momento de repúdio à moda está registrado no jornal *Diário de São Luiz*, onde relata a perseguição de uma rapaz a uma jovem mulher nas ruas da cidade. No decorrer da passagem, percebe-se que o escritor sugere à culpa da

⁶⁷OS NOVOS, 05/08/1900.

⁶⁸SILVA. Camila Ferreira Santos. Ibidem. p. 70.

perseguição a mulher à moda que se submeteu a seguir, pois uma moça vestida naqueles trajes e sozinha na rua no anoitecer geraria inconscientemente uma reação como a que seguiu.

O rapaz de fato, não tem razão. Viu a mocinha e perseguiu-a. Mas intenções não tinha elle, fique certo. Aquilo foi uma tentação diabólica. Pelas meias palavras que me disse, bom entendedor que sou, compreendi tudo!

Explico-lhe, meu caro amigo. O rapaz viu a pequena, em plena praça, à luz meridiana. Viu-a e ficou extasiado! O casaco semi-aberto, deixando á amostra uma nesga do seu seio rijo, uma nesga adorável, de um seio alvo, entonteceu-o! As mangas curtas, bem curtas e frouxas e de fazenda finíssima, transparente deixando nú os deliciosos braços, fizeram que á sua imaginação já causticada pela sedução do sexo, delirasse! Ou melhor, meu caro dr. Não foram propriamente as mangas, foram os braços! Agora, crescente a isto as saias curtas, bem curtas, que lhe mostravam uns pedaços admiráveis, completavam a obra!..

Ora, meu doutor amigo, você compreende que diante de uma tentação desse tamanho, o desgraçado só tem um jeito – é acompanhar a imagem fascinante que o acaso lhe põe diante dos olhos⁶⁹.

Na perspectiva do columnista aquela mulher que se vestir adequadamente e de forma recatada, ou seja, que se dê ao respeito, provavelmente não passará por esse tipo de situação constrangedora para ambas as partes citadas. A forma como o “nú” vinha se mostrando na sociedade era de maneira irresponsável, causadora de tamanhos acontecimentos desagradáveis à sociedade.

A consciência feminina sem dúvida alguma passou por momentos complexos de aceitação e resistência. Enquanto era estimulada a seguir tendências e modas que lhe cabiam, passavam também por preconceitos sociais, já que muitas instituições, como a igreja, repudiavam essa nova modernização da mulher perante a sua posição na sociedade, e principalmente, o seu comportamento no seio da família.

“A mulher só encherá o que pode agradar a sua vaidade, duvidando a ventura que a rodeia, não sabendo ella que veio a este mundo para servir de companheira ao homem, fazendo a sua completa felicidade”⁷⁰. As normas e regras respaldadas pela Igreja Católica eram muitas e controlavam – ou tentavam controlar – o comportamento das mulheres na sociedade e no lar, uma vez que esta servia, como visto na citação acima, como meras donas-de-casa, que devem manter-se fiéis, prendadas e submissas ao homem. “[...] para isso, é preciso que se eduque para que possa conhecer os meios que lhe inspirem os gostos os quaes lhe fação conseguir a sua gloria [...]”⁷¹.

⁶⁹DIÁRIO DE SÃO LUIZ, 22/12/1921.

⁷⁰O CANHÔTO, 26/01/1913.

⁷¹O CANHÔTO, 26/01/1913.

A submissão da mulher à moda era algo quase inaceitável. Como pode a mulher submeter-se aos caprichos da moda e não submeter-se ao marido para satisfazer a felicidade da família? O modo escandaloso e chamativo de suas roupas passou a chamar atenção não por sua beleza e conceito de moda, mas por ser considerados promiscuidade e descaso em parecer aceitável aos olhos da sociedade.

“Vive a mulher sujeita a seus caprichos, como uma escrava. Ora despe o pescoço e o collo, ora cobre-os, pudicamente. Agora suspende as saias e anáguas e deixa tudo de fora; ora desce os pannos e cobre tudo”. Este é texto do jornal *Via-Lucis* (julho de 1909) intitulado *A Moda*, texto este que representa a postura de muitos homens – e mulheres - da época, abismados com a forma como as mulheres se submetiam aos caprichos da moda, acompanhando enlouquecidamente as mudanças de rotinas indicada por ela e deixando de lado os costumes perpassados pela moral familiar. “O espartilho!... Ah! O espartilho é incógnita cujo valor varia muito. Fazem-no comprido, fazem-no curto; ligam-no às pernas por uns elásticos; soltam-no desse freio e o querem livre”⁷².

Como muito bem apontado por Silva, o comportamento feminino, assim como o modo de se vestir das mulheres, particularmente nos ambientes públicos, e algumas vezes no privado, era uma grande preocupação dos articulistas dos jornais que, estampavam as capas dos jornais já apresentando as manchetes que citavam, geralmente com crítica, os novos figurinos da moda, saia curta e decote. Esses ataques de alguma forma “[...] equivalia a dizer que uma mulher que não se vestia dentro dos ‘padrões de moralidade’ aceitos para a circulação nos espaços públicos, possivelmente não tinha como comandar uma família baseada em tais padrões”⁷³.

O paradoxo entre vestir-se como desejar e ao mesmo tempo manter-se aceitável para a sociedade dominou o contexto dos jornais da época. Mas sem dúvida alguma, a represália ganhou mais espaço do que a aceitação.

O homem deve ser avaro daquela alma que escolher para sua irmã em todas as vicissitudes da vida. A esposa, só a seu marido deve procurar agradar.
A mulher desvaloriza-se. Despindo-se na praça pública, nos bailes, nas festas, perde uma feiticeira e sadia poesia do amor que é o sonho. Será melhor vestir-se. Nada como se estar vertido⁷⁴.

⁷²VIA-LUCIS, julho de 1909.

⁷³SILVA. Camila Ferreira Santos. *Ibidem*. p. 73.

⁷⁴VIA-LUCIS, julho de 1909.

Abrantes afirma que a sociedade, não só maranhense, mas brasileira desse período, era dogmatizada pela ideia de que à mulher cabia o cumprimento dos papéis de esposa, mãe e filha, que esta tinha por obrigação direcionar-se exclusivamente ao espaço do lar. O seu local de socializar com os outros deveria ser, portanto, a igreja, pois era lá onde se mantinham a permanência do pensamento do século XIX, difundindo ideais e valores centrais para a “educação” das mulheres.

Mas, se por um lado os jornais serviram para repreender a moda e inferiorizar as mulheres e seu lugar na sociedade; não se pode negar, que por outro lado, utilizou de inteligência literária para proferir diversas crônicas a respeito deste assunto. Com sabedoria e elegância, alguns jornais utilizaram este tema como uma maneira de entretenimento literário, que agradava não só as mulheres, mas qualquer leitor de gosto literário apurado.

É de tamanha perspicácia aproveitar assuntos recorrentes da época para escrever e tornar notório o seu veículo de comunicação, uma vez que o que está em xeque é reputação ou a honra feminina no seio da sociedade brasileira. *O Jornal* promoveu em uma de suas edições de 1921, um gostoso diálogo entre mulheres, onde ao mesmo tempo que citam os elementos da moda atual, mostram o contentamento em dialogar com algo tão prazeroso.

- Meu vestido de baile – disse aquella festeira da Maria Lavinia, com complacência de quem está tratando de um assunto predileto – é de veludo preto, só de veludo preto. Sem um enfeite, uma guarnição de cor, uma nota mais viva. Acho muito distinto e chic assim[...]
- O meu é de crepe Georgete preto, também peridoado de aço e azul sendo a saia feita de tiras recortadas abrindo sobre um fundo de setim preto, orlado de crepe preto [...]
- O meu, explicou a trigueira Carolina, concertando os fofos arrepiados de cabelo que lhe frizam sobre a face rozada [...]
- E o teu, Marta?
- Oh! O meu é simplíssimo [...]
- Aposto que nesta simplicidade ficas muito bem, dona faceira?
- Fico – confessou Marta sorrindo, um rubor de modéstia corando-lhe as faces assetinadas⁷⁵.

A sociedade passou a preocupar-se não só com a liberdade da mulher nas ruas da cidade, participando dos eventos sociais, indo para o teatro, para as praças, os cafés, as lojas de luxo e para o trabalho, mas também com o traje que ela iria escolher para vestir e sair para esses locais⁷⁶. A vigilância tornou-se cada vez mais forte e os jornais apresentavam tal desassossego causado pelos novos figurinos utilizados pelas mulheres. Geralmente ficam em meio a um discurso conservador e elitista, mas por outras o assunto abordando-o de maneira a

⁷⁵O JORNAL, 06/07/1921

⁷⁶SILVA, Camila Ferreira Santos. Entre modos e modas: modernização e civilidade em São Luís na segunda metade do XIX. UEMA: São Luís, 2008. p. 38.

instruir as mulheres das atualizações do mundo da moda e também induzindo ao consumo, já que esses jornais lucravam com os anúncios.

O Jornal era um grande percussor disto, como já citado, em sua coluna intitulada *A Moda*, vê-se a sutileza em que abordam o tema. “Estava, aliás, perfeitamente bem vestida: um lindo tailleurzinho de garbadine cor de areia, de saia liza e jaqueta média, fendida dos lados[...]”⁷⁷. A modernidade já tomava conta do modo de vestir das mulheres, e uma abordagem natural a respeito do assunto, principalmente por incumbir uma tímida discussão sobre igualdade de gênero que já começava a tomar espaço nos jornais. “Uma delas, a mais moça, vestia um lindo costume de sarja ferrugem, de saia plissado chato e da jaqueta mais comprida, inteiramente solta, abotoada na frente, até debaixo do queixo [...]”⁷⁸.

Por último, mas não menos importante, os jornais também movimentaram significativamente o comércio da região, como grande propagador de notícias. É no jornal onde a maioria da população buscava quaisquer informações do dia a dia. Utilizado para fazer propagandas, os jornais aproveitavam-se do cunho comercial da moda, para divulgar vendas, promoções e liquidações das mais variadas formas.

Grande Liquidação

De sapatos baixos para senhoras, de 16\$, 20\$ à 25\$, sapatos Luiz XV de verniz e búfalo de 25\$ à 30\$ ditos de pelicas de cores de 30\$ a 25\$, calçados para homens; de 18\$, à 20\$, bolsas e carteiras para homens e senhoras desde I\$500, cintos para senhoras de 6\$000 até 2\$000, com flores, desde I\$ até 3\$[...]
Artigo para sapateiro: solas, roupas, pelicas, couro de porco, de côres para forro, couro de cutia branco, etc e etc⁷⁹.

Como já citado anteriormente, as mulheres tinham começado a se inserir no mercado de trabalho, então a elas é dada uma certa autonomia, assim poderiam sustentar o desejo em comprar algumas peças da moda. Mesmo se não, as mulheres da elite, que possuíam um status elevado, também exigiam de seus pais e maridos, peças atualizadas e modernas que chegavam a capital. Os jornais então disseminavam cada vez mais as vendas da cidade, a fim de movimentar o mercado de roupas, sapatos e artigos gerais de moda.

Liquidação de Calçados

Continuará no mez de Outubro a Grande Liquidação de Calçados que está fazendo a CASA BORDALLO pelos preços abaixo mencionado COMO SEJAM:
PARA SENHORAS

⁷⁷O JORNAL, 16/07/1921.

⁷⁸O JORNAL, 16/07/1921.

⁷⁹DIÁRIO DE S. LUIZ, 15/05/1923.

Sapatos em louça branca	desde 9\$000
Idem envernizados, salto baixo	„ 18\$000
Idem envernizados, salto alto	„ 18\$000
Idem em verniz salto Luiz XV	„ 20\$000
Idem em búfalo branco, salto Luiz XV	„ 20\$000
Idem bronzeados, salto Luiz XV	„ 20\$000 ⁸⁰

Este levantamento pelos jornais fez perceber o quanto os mesmos influenciaram a moda, e o quanto a moda influenciou o comportamento das mulheres. Desde a discussão da moral e dos bons costumes da sociedade maranhense até a liberdade de expressão através da roupa, a mulher conquistou aos poucos o seu espaço na sociedade. Uma saia curta, um decote ou um salto, quando uma vez gerou tanto choque na sociedade, hoje ainda serve para polemizar discussões de gênero, quem vem sendo esmiuçada ao longo dos anos.

3.1 Feminismo e moda

É importante destacar o papel da mulher da elite e classe média nesse período, início do século XX, muitas feministas já lutavam pelos direitos das mulheres, como licença a maternidade com duração de oito semanas, redução da jornada de trabalho, o direito de entrar em territórios antes considerados exclusivamente masculinos. Foi nesse período que Madame Curie, Prêmio Nobel de Física, torna-se a primeira mulher a ministrar aulas numa universidade francesa. A partir dessa época, as mulheres finalmente começam a assumir funções antes essencialmente masculinas. Estas transformações vão se refletindo na moda, que precisa ajustar-se às novas necessidades⁸¹.

A moda vai muito além da problemática da distinção. Hoje ela está nos comandos de nossas sociedades, a sedução e o efêmero tornaram-se os princípios organizadores da nossa sociedade moderna. Apesar das muitas interpretações ou do consenso sobre a negatividade das “perversões” da moda, ela nos surpreende quando aparece “antes de tudo como agente por excelência de espiral individualista e da consolidação das sociedades liberais⁸². Ao mesmo tempo que aprisiona, também liberta, é individualista e ao mesmo tempo serve para unir. Essa liberdade pode ser vista, na liberdade dos movimentos e ousadia das mulheres no começo do século XX,

Sozinha pela rua, com as mãos na direção de seu auto; sozinha no passeio e no dancing da moda. É a moça de hoje que já não precisa da mamãe, como vigilante, nem a senhora de companhia [...] Como os cabelos, como os vestidos, como o rosto,

⁸⁰DIÁRIO DE S. LUIZ, 03/10/1921.

⁸¹MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Máslova Teixeira. Ibidem. p.14.

⁸²LIPOVETSKY. Ibidem. p. 14.

a moça de hoje já fixou o espírito, fê-lo mais livre [...] fê-lo apto e forte [...] Nas repartições públicas, no balcão, na fábrica ou nas grandes casas, ela sabe estar sozinha pela vida [...] Sozinha: para as mãos, já não faz falta o embrulhinho cúmplice e dissimulador. Já sabe o que fazer com as mãos, que são igualmente adestradas para empunhar a direção de um auto ou para mover-se sobre o teclado de uma máquina de escrever⁸³.

A mulher pobre, por necessidade teve que andar só e a trabalhar bem antes das mulheres abastadas. Eram livres prisioneiras, andavam só e trabalhavam não porque eram feministas ou ansiavam liberdade, a grande maioria não sabia nem escrever o próprio nome, quiçá ter conhecimento sobre esse movimento. Mesmo diante da necessidade não deixavam de incomodar os ditos conservadores e sofriam bastante preconceito, não eram mulheres para casar, já que não se davam o devido respeito, onde já se viu mulher trabalhar fora de casa, mulher andar desacompanhada?

As mudanças no comportamento feminino, ocorridas ao longo das três primeiras décadas deste século incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas⁸⁴. Esse estranhamento era aceitável, afinal de contas a presença de moças das camadas médias e altas, que ousavam andar sozinhas pelas ruas e que trabalhavam para abastecer a casa do que fosse necessário não era um fato comum.

Sendo a mulher em boa parte da sua história ocultada pelo seu provedor, servindo esta apenas para lhe servir ou servir a família e usada também como adorno do seu “valoroso” marido. Ver essa mulher tomar as rédeas da sua vida, causava não apenas espanto, mas criava a necessidade de que algo fosse feito, providências fossem tomadas, afinal de contas a “ordem natural tinha sido abalada”.

O ritmo das mudanças ocorridas, considerado por muitos como alarmante, veio acompanhado de certa ansiedade por parte dos segmentos mais conservadores da sociedade, já tomados pela vertigem das grandes transformações que o país vinha vivendo, sobretudo a partir do último quartel do século XIX.

Não foram poucos os que reclamaram e fizeram questão de tornar público “um brado feminino de inconformismo, tocado pela imagem depreciativa com que as mulheres eram vistas e se viam”⁸⁵. Muitos homens passaram a questionar se deviam casar, revelando a desconfiança para com essa nova mulher. Mas as respostas sobre essa desconfiança não tardaram.

⁸³MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.) *História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.268.

⁸⁴Idem. Ibidem. p. 368.

⁸⁵Idem. Ibidem. p. 369.

Várias foram as mulheres que escreveram sobre o tema, como Rosa Bárbara, pseudônimo de uma intelectual de Minas Gerais, que respondeu da seguinte forma: Os “rapazes honestos” a quem os senhores Menotti del Picchia e seus colegas de crítica se referem, os chamados “filhos-famílias”, escreveu articulista, tomam por elegante e de bom-tom passar suas noites “nas casas de divertimentos livres, ao jogo ou nos cafês, embrutecendo o espírito, aviltando a alma e arruinando o corpo pelas bebidas, cocaínas, morfina ou cartas de pôquer”. É a esses homens poucos educados que as esposas se entregam⁸⁶.

A crença de que a mulher era biologicamente feita para desempenhar as funções referentes a ser uma dona de casa, cuidar dos filhos e do marido, tornava aceitação dessa mulher fora de casa bem difícil, “lugar da mulher é o lar, e sua função consiste em casar, gerar filhos para a pátria e plasmar o caráter dos cidadãos de amanhã”⁸⁷.

Apesar de o tema Moda muitas vezes ser abordado como fútil e sem importância, vivemos em uma sociedade extremamente ligada a imagem e essa preocupação com a imagem não é um tema moderno, vem de muito antes, até mesmo antes da moda existir de fato. Não tem como analisar nossa sociedade sem tocar nesse assunto. E falar de moda vai além de roupas e acessórios, seu campo de abrangência é bem mais amplo.

A moda serve sim como forma de distinção social, mas tem fundamental importância no quesito autoafirmação, ela não é o corolário do *conspicuous consumption* e das estratégias de distinção de classes; é o corolário de uma nova relação de si com os outros, do desejo de afirmar uma personalidade própria que se estruturou ao longo da segunda Idade Média nas classes superiores⁸⁸.

Foi através das roupas e acessórios que muitas mulheres mostraram seu descontentamento. Mostraram que elas podiam mais e queriam mais. O vestuário foi importante para essa libertação feminina. Durante o começo do século XX, várias mudanças nas roupas e acessórios possibilitaram maior liberdade e mobilidade do corpo feminino.

No final da década de 1910 o quadril e o busto não eram mais tão evidenciados, e a silhueta era menos rígida, o que aproximava mais a realidade dos corpos. No entanto, Laver⁸⁹ relata que contrariando a todas as tendências de liberdade do traje, as saias ficaram tão apertadas que dificultavam o caminhar, e no intuito de impedir que se rasgassem por causa de um passo maior, as pernas eram presas por ligas unidas umas as outras.

⁸⁶MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *Ibidem*. p. 372.

⁸⁷Idem. *Ibidem*. p. 375.

⁸⁸LIPOVETSKY, Gilles. *Ibidem*. p. 67.

⁸⁹LAVER, James apud SILVA, Laís Leite. *Tamanho Único: O feminino, a vaidade e as idealizações do corpo na história da moda*. Juiz de Fora; Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011. p.43.

As mulheres passaram a ter mais consciência dos danos causados a seus corpos, com o início das atividades desportivas. Não podemos esquecer que junto com a modernização do início do século XX, as práticas esportivas ficaram em evidência, tendo maiores cuidados com o corpo e maior preocupação com a saúde.

Mas o tão falado espartilho, que moldou e aprisionou o corpo da mulher por séculos, só vai ser deixado de lado com a Primeira Guerra Mundial, libertando de fato o corpo feminino. Nessa época o vestuário passou a exigir praticidade, para que as mulheres pudessem assumir as ocupações anteriormente masculinas, já que os homens estavam na Guerra.

Interessante ressaltar que essas roupas mais leves e práticas, também chegaram ao Brasil, já que a moda seguida era a moda vinda da Europa. Houve intensificação nos manifestos pela libertação do corpo, que aconteciam há aproximadamente cinquenta anos.

O vestuário masculino já tinha se tornado funcional e confortável quase um século antes, nesse caso o foco dos reformistas foi o vestuário feminino, sendo considerado inseparável da moda. Não foi apenas o aspecto material da moda que essa reforma visava mudar, as críticas iam além, englobavam razões sociais e econômicas, sociais porque afastava ainda mais as classes, estimulando a cobiça e o consumo, e que unidos à instabilidade das tendências, levavam a dispêndios desnecessários. Outra crítica era que a moda excluía a unicidade do indivíduo sintetizando-o em padrões estéticos e sociais.

A reforma primava pelo conforto, não sendo a estética o ponto de maior destaque. Só que a aceitação dentre as demais pessoas do convívio é de extrema importância. Ser aceito é passo importante para se aceitar, isso traz conforto psicológico. A. Hollander evidencia este fato em que:

No decorrer da história da moda, podemos ver a forma escondida da mulher real sendo virtualmente substituída por uma imagem satisfatória da Mulher Vestida, construída muitas vezes para dar-lhe proporções bizarras de acordo com as variações nas fantasias eróticas à medida que a moda continuava mudando, mas sempre essencialmente destinadas a esconder o seu corpo à maneira antiga; e a substituir fatos evidentes por mitos satisfatórios e verdades ficcionais⁹⁰.

Por muito tempo a mulher molda e encobre seu corpo, como forma de inserção e concordância com valores e virtudes, sendo suficiente para garantir o senso de segurança e satisfação de necessidades pessoais, estéticas e sexuais. Essa nova temática nas vestimentas permitia que ela tivesse uma conduta mais displicente e arrojada. Essa mulher queria sim mais

⁹⁰HOLLANDER, Anne. *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Tradução de Alexandre Tort; revisão técnica de Gilda Chataigner – Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 66.

liberdade, mostrar um corpo mais perto da realidade, mas ela queria também se manter confiante e dentro dos padrões considerados atraente e feminino.

Podemos perceber isso na insistência do uso do espartilho até a Primeira Guerra Mundial, onde bem antes as propostas na mudança das indumentárias femininas já tinham sido discutidas. Só com a necessidade de as mulheres ocuparem os postos masculinos é que o espartilho cai em desuso. E que podemos concluir que as mudanças no traje foram mais uma necessidade que uma vontade. Como afirma Laís Leite :

A necessidade de racionamento que acompanhou o início da guerra interrompe a velocidade com que o novo é substituído por outro novo, a moda foi obrigada a simplificar-se para suprir os desejos e vaidade; e com essa simplicidade forçada, houve o declínio da preferência por curvas sinuosas, o que não significa que aderiu-se a indumentária sugerida pelos reformistas. As roupas prontas para vestir não eram mais novidade e conquistaram como opção de consumo⁹¹.

Após a Primeira Grande Guerra a mulher toma consciência do seu próprio corpo, os hábitos femininos mudam de maneira radical, sendo difícil retroceder ao século anterior. Ao descobrir-se capaz de exercer uma função ativa dentro da sociedade, houve também a necessidade de mudanças nos trajes. A mulher deixa de se vestir apenas para a exibição e passa a se enxergar como peça importante para o desenvolvimento da sociedade.

⁹¹SILVA. Laís Leite. Ibidem. p.47.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A moda não está ligada apenas as indumentárias. Abrange costumes, arte e economia. Ela tem o poder de comunicar posicionamentos sociais, mesmo que de maneira indireta. Serve também para documentar o passado e assinala transformações no presente. É sinônimo de mudança. A moda é efêmera, inquietante e sedutora.

O “consumo” das roupas e ornamentos faz-se necessidade humana a partir do momento que o homem começa a cobrir seu corpo para proteger-se das intempéries, preservando o uso das vestes e ornamentos para manter a tradição e por fim quando no final da Idade Média, por volta do século XIV, quando surge a rapidez no seu consumo, a diferenciação clara das indumentárias masculinas e femininas e a frivolidade das mudanças nos vestuários.

São Luís deixa-se seduzir pelas modas e modos franceses, trazidos com mais constância, junto com a modernidade que a virada do século XIX para o XX ocasionou. Foram vários os investimentos para tornar a capital ludovicense mais urbana e moderna. Essas mudanças estavam ocorrendo em várias cidades do Brasil, como por exemplo, o Rio de Janeiro. E o Rio de Janeiro, sendo a capital, era a principal responsável pela propagação dos padrões de organização das cidades, bem como dos padrões de civilidade que chegavam da Europa, tendo como destaque, a França.

A elite de ludovicense, que ganhou novos espaços para o lazer, trazidos pela modernidade, tem a necessidade de se adequar a essa nova realidade. Na busca dessa civilidade, utilizava-se de manuais de etiqueta, jornais e literatura que circulava na época. A venda de produtos estrangeiros, como roupas, móveis, acessórios e outros bens de consumo era lucrativo, com muitos anúncios os meios de comunicação da época.

A moda feminina das mulheres da elite e classe média apresentava o desejo de deixar pra trás a imagem de descompostura associada ao período colonial. Com a vinda de muitos fazendeiros com suas famílias para a cidade e o maior contato dessas mulheres com os modos europeus, despertaram o desejo de modernização, sendo Paris uma cidade de destaque como inspiração. Quanto à etiqueta feminina, considerando a maior exposição das mulheres de famílias abastadas em lugares públicos ou em ocasiões privadas, o interesse por noções de recato, delicadeza, com exigência também de uma mulher mais culta, com conhecimento de línguas estrangeiras e com sabedoria para de falar dos mais variados assuntos, tornou-se uma busca comum.

É importante ressaltar que a preocupação com a moda, regras de etiqueta e modernização, eram anseios da elite e da classe média ludovicense. Sendo essa elite o principal alvo e também autora dessas mudanças. A mulher pobre foi obrigada a sair de casa, mesmo debaixo dos olhares opressores, dos comentários difamadores, para sustentar suas famílias trabalhando nas ruas ou nas fábricas têxteis, trazidas pela tão falada modernidade. Essa mulher pobre não estudava, muito menos acompanhava as últimas tendências de Paris.

A vestimenta era usada como símbolo de poderio econômico da elite, vestindo-se aos moldes europeus, mas não apenas isso era também forma de significação. O ato de vestir-se manifestava, simbolicamente ou por convenção, ao mesmo tempo ou separadamente uma essência, uma tradição, um apanágio, uma herança, uma casta, uma linhagem, uma proveniência social e geográfica, um papel econômico⁹².

⁹²PRIORE, Mary del. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: SENAC, 2000. p. 52.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Jornais*

- Diário de São Luiz (1921-1923)
- Maranhão (1923)
- O Canhôtô (1913)
- O Jornal (1921)
- Os Novos (1900-1901)
- Pacotilha (1902)
- Via-Lucis. (1909)

*Todos os jornais encontram-se na Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL).

Bibliografia

ABRANTES, Elizabeth Sousa. *A educação feminina em São Luís no século XIX*. ANPUH. 22º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. João Pessoa, 2003.

BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: EDUSP, 1999.

BONADIO, Maria Claudia. *Moda e sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920*. São Paulo: Senac SP, 2007.

BUENO e CAMARGO. *Cultura e Consumo: estilos de vida na contemporaneidade*. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2008.

CAMPOS, Marize Helena. *“Mariposas e Pensões: um estudo da prostituição em São Luís do Maranhão na primeira metade do século XX”*. São Paulo: USP, 2001.

CASADEI, Eliza Bachega. *JORNALISMO DE MODA EM REVISTA: Momentos históricos do registro editorial da moda no Brasil no período anterior aos 60*. REVISTA DA SEMANA, <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao53/materia03/>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

CARVALHO, C. J. *Ascensão e Crise da Lavoura Algodoeira no Maranhão (1760- 1910)*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro; UFRJ, 1982.

CORRÊA, Carolina Giacomini. *O desenvolvimento cultural, artístico e a moda no Brasil após a chegada da corte portuguesa*. UFJF. Minas Gerais: 2013.

CORREIA, Maria da Glória Guimarães. *Nos fios da trama: Quem é essa mulher? Cotidiano e trabalho do operariado feminino em São Luís na virada do século XIX*. São Luís: Edufma, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

ESQUENEZI, Rose. *A França nos trópicos*. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

FILHO, Jomar F. P. *Formação Econômica do Maranhão*. VII Jornada Internacional de Políticas Públicas, UFMA, 2015.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza de Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.

HOLLANDER, Anne. *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*; tradução de Alexandre Tort; revisão técnica de Gilda Chataigner – Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

KRONKA, Eleni. *A Cobertura de Moda nos Jornais Diários*. 2006. Dissertação (Mestrado)– Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2006

LAVIER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*; Capítulo final [por] Christina Probert; Tradução Glória Maria de Mello Carvalho – São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 9ª reimpressão, 2006.

LEHNERT, Gertrud. *História da moda do século XX*. Tradução J.M. Consultores, S.A. Colônia – Könemann, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles, *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução de Maria Lucia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.) *História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Máslova Teixeira. *A moda no século XX*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2000.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NERY, Marie Louise. *A evolução da indumentária: subsídios para criação de figurino*. Editora: Senac, 2004..

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Galofilia e galofobia na cultura brasileira. In: *Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

PRIORE, Mary del. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: SENAC, 2000.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

RIBEIRO, M. O. A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem. *Rev. Esc. Enf. USP*. v. 33, n. 4, p. 358-63, dez. 1999.

RODRIGUES, Carlos Costa, *Relatório do Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural do Estado do Maranhão*. São Luís: Soares & Chaves Editores.

ROMAGNOL, Talyta de Sousa. *O Chá da tarde na Belle Époque*. Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juíz de Fora. 2014.

SALES, Tatiane da Silva, *A mulher e a educação feminina em São Luís na Primeira República*. Outros Tempos. Dossiê Estudos de Gênero. vol. 7; 2010. UEMA, 2010.

SANT'ANNA, Patrícia. EXPRESSÃO, Leticia Sons. *Maria Antonieta, conexões entre moda, cinema e negócios*. Revista Anagrama. Ano 5. Edição 1. Setembro-Novembro de 2011.

SANTARELLI, Christiane Paula Godinho. *O consumo da moda nas classes economicamente inferiores*. São Paulo: USP, 2000.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade: Porto Alegre, 1990.

SILVA, Camila Ferreira Santos. “*A moda*”: *roupa feminina e distinção social no início do século XX em São Luís/MA*. VI Congresso Internacional de História– UFPA, 2013.

_____. “*Para Bailes*”: *A roupa feminina e os espaços públicos em São Luís no início do século XX*. Anais do Colóquio Nacional de Estudo de Gênero e História. UNICENTRO. Universidade do Pará, 2013.

_____. *Entre modos e modas: modernização e civilidade em São Luís na segunda metade século do XIX*. 2008.

SILVA, Laís Leite. *Tamanho Único: O feminino, a vaidade e as idealizações do corpo na história da moda*. Juiz de Fora; Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

SILVA, Regia Agostinho da. *A Escravidão no Maranhão. Maria Firmina dos Reis e as Representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX*. São Paulo, 2013.

SUA PESQUISA. *Primeira República no Brasil*. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com.br>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

VIVEIROS, Jerônimo de. *História do Comércio do Maranhão, 1612+1895*. São Luís, Edição da Associação Comercial do Maranhão, 2º Vol.

Ilustrações

Imagem 1 - O Casal Arnolfini de Jan Van Eyck-1434.

Fonte: <https://jasongoroncy.com/2009/05/05/hauerwas-on-sex-marriage-politics-and-love/jan-van-eyck-e28098portrait-of-giovanni-arnolfini-and-his-wife -1434/>

Imagem 2 - Retrato de Marie Antoinette, (Wikicommons, de Jean Baptiste Gautier Dagoty, Musée Antoine Lécuyer).

Fonte: <http://obviousmag.org/archives/2012/07/marie-antoinette-a-madonna-do-seculo-xviii.html>

Imagem 3 - Retrato de Marie Antoinette, (Wikicommons, de Jean Baptiste Gautier Dagoty, Palácio de Versailles).

Fonte: <http://obviousmag.org/archives/2012/07/marie-antoinette-a-madonna-do-seculo-xviii.html>

Imagem 4 – Ilustrador Jean Michel, the youger Moreau.

Fonte: [http://pt.wahooart.com/@/JeanMichelMoreau\(MoreauLeJeune\)](http://pt.wahooart.com/@/JeanMichelMoreau(MoreauLeJeune))

Imagem 5 – A pintura dos dois embaixadores franceses por Hans Holbein – o jovem pintado em 1533, ilustra a persistência da silhueta quadrada.

Fonte: <https://tudorbrasil.com/2012/11/13/roupas-masculinas-no-periodo-tudor/>

Imagem 6 – Homens franceses, em Le Follet.

Fonte: <http://modahistorica.blogspot.com.br/2013/05/seculo-xix-moda-na-era-romantica.html>

Imagem 7 - Diário senhoras Weldons novembro 1899 últimas novidades das Weldons para novembro.

Fonte: <http://www.alamy.com/stock-photo-walter-weldon-founded-weldons-fashion-journal-weldons-patterns-and-104019766.html>

Imagem 8 – Revista La Nouvelle Mode, edição D’Amateur. 16 de julho de 1905

Fonte: <http://minhasimagensdearte.blogspot.com.br/2012/08/la-nouvelle-mode-revista-francesa-de.html>

Imagem 9 - Revista La Nouvelle Mode, edição D’Amateur. 20 de agosto 1905.

Fonte: <http://minhasimagensdearte.blogspot.com.br/2012/08/la-nouvelle-mode-revista-francesa-de.html>